

O Tibete, o Dalai Lama e a Geopolítica da Reencarnação



Conteúdo

Resumo: A Reencarnação e os Objetivos Estratégicos da China	3
Principais conclusões:	5
Plano da China para Pôr Termo ao Apoio Global ao Tibete na «era pós-Dalai Lama»	6
A Posição do 14.º Dalai Lama	7
Onde e Porquê?	9
O Precedente do Panchen Lama	10
As Novas estratégias da China em relação à Reencarnação	12
Programas de Formação: Uma Ferramenta para Legitimar a Interferência Partidária	15
Funcionários que poderiam identificar um 15.º Dalai Lama na República Popular da China	15
Controlo Estratégico sobre o Budismo Tibetano	16
Projetando a “sinicização” através dos Himalaias e Além.	17
O Papel da Mongólia na Sobrevivência do Budismo Tibetano e Sucessão do Dalai Lama	18
Grupo pró-China usado para fragilizar o Dalai Lama.	19
Gerar uma Resposta Internacional.	21
Recomendações aos Governos:	23
Apêndice	24
Metodologia	26
Notas	27

Resumo: A Reencarnação e os Objetivos Estratégicos da China

O Partido Comunista Chinês (PCC) está a acelerar a imposição de planos elaborados para obrigar ao cumprimento da prática budista tibetana de reencarnação à medida que Sua Santidade, o 14.º Dalai Lama, envelhece.

Desde a sua introdução no Tibete, no século VII, o budismo moldou fundamentalmente a civilização tibetana e é hoje parte integrante da vida e identidade cultural tibetana.

De acordo com a tradição budista, o povo tibetano desenvolveu um sistema único de reconhecimento de reencarnações (ou tulkus) de mestres espirituais que se dedicam a desenvolver a compaixão e a ajudar todos os seres sencientes. Desde a liderança do 5.º Dalai Lama no século XVII, os lamas reencarnados tornaram-se o núcleo do governo budista do Tibete, combinando autoridade religiosa e política.

A civilização budista do Tibete foi ainda mais fortalecida sob a liderança do 14.º Dalai Lama, que uniu tibetanos de todas as escolas budistas e regiões do Tibete, bem como difundiu o budismo tibetano pelo mundo.

Hoje, a autoridade espiritual do 14.º Dalai Lama abrange os Himalaias, incluindo Nepal, Ladakh, Sikkim e Butão, países tradicionalmente budistas como Japão, Vietname e Mianmar e as repúblicas russas da Ásia Central de Tuva, Calmúquia e Buriácia. Também abrange a Índia, lar do 14.º Dalai Lama, e a Mongólia, o maior país livre com uma população budista principalmente tibetana no mundo. O alcance do Dalai Lama estende-se ao Ocidente e à República Popular da China, onde muitas pessoas chinesas são devotas de professores religiosos tibetanos.

A luta de Pequim para se apropriar e controlar questões que estão no cerne da identidade religiosa tibetana surge de um objetivo de assegurar o controlo total do Tibete e projetar o seu domínio além das suas fronteiras.

Essas forças políticas e religiosas prepararam o terreno para um cenário geopolítico intensificado ligado aos elaborados planos da China de instalar uma figura de proa, endossada pelo Partido Comunista, como o próximo Dalai Lama e os seus possíveis impactos tanto no Tibete como fora da República Popular da China.

Em 1954, Mao Tsé-Tung disse notoriamente ao jovem Dalai Lama que “a religião é um veneno”. Desde que a China invadiu o Tibete em 1949/50, destruiu milhares de mosteiros, queimou textos religiosos em grandes pilas, torturou professores religiosos e forçou-os a passar por “reeducação patriótica” e “trabalho forçado”. A China continua a aniquilar o budismo tibetano no Tibete, demolindo estruturas religiosas, impondo educação ideológica a monges e monjas e desencadeando as suas campanhas virulentas contra o Dalai Lama, rotulando-o de “separatista” e “lobo com vestes de monge”.¹

Dada esta posição do Governo chinês, seria de esperar que Pequim acabasse totalmente com a instituição do Dalai Lama.

No entanto, o PCC desenvolveu uma estratégia para exercer controlo sobre o sistema de reencarnação budista tibetano. Tal inclui a insistência de que é prerrogativa da China reconhecer o próximo Dalai Lama e com o objetivo de visar não apenas as pessoas tibetanas, mas também a comunidade internacional em geral, como forma de assegurar a autoridade no Tibete e construir influência em todo o mundo budista tibetano.

A luta de Pequim para se apropriar e controlar o sistema de reencarnação atinge o cerne da identidade religiosa tibetana. A reencarnação é central para a crença e prática budista tibetana enraizada no conceito do ciclo de nascimento, morte e renascimento.

No Tibete, o princípio budista do renascimento evoluiu para uma forma distinta de prática que reconhece uma cadeia de renascimentos de um mestre espiritual particular. O Dalai Lama é uma

dessas reencarnações que começou no século XIV. O atual Dalai Lama é a 14.^a reencarnação da sua linhagem e é um dos líderes morais e religiosos mais respeitados do mundo.

À medida que envelhece, os/as tibetanos/as enfrentam questões dolorosas e difíceis sobre o futuro.

Em 2011, compreendendo esta eventualidade, o 14.^o Dalai Lama emitiu um documento escrito relativo à sua sucessão no qual, entre muitas coisas, afirmava que poderia nomear alguém como seu sucessor/a enquanto ainda estivesse vivo,² uma prática enraizada em precedente histórico. O PCC rejeitou o documento alegando que “só Pequim pode aprovar o seu sucessor”.

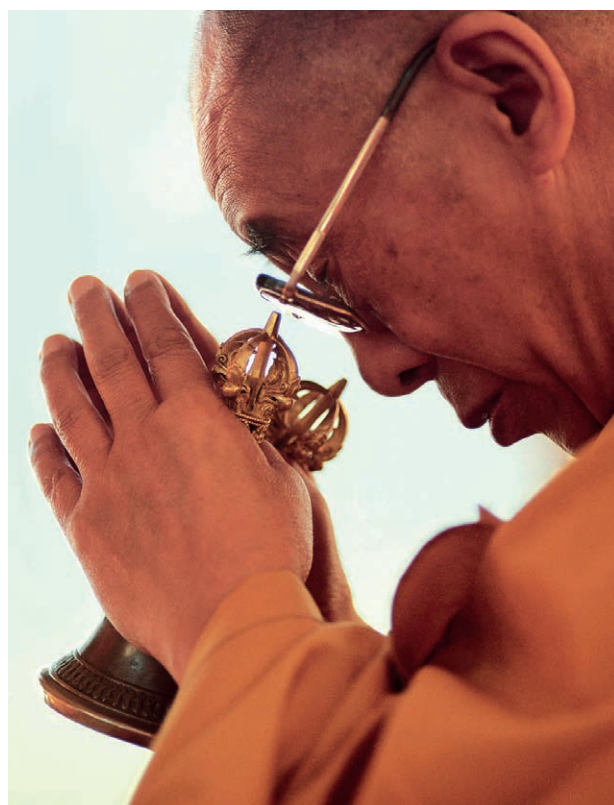
A “sinicização” do budismo tibetano pela China e a sua interferência no sistema de reencarnação tem implicações de longo alcance e visa finalmente quebrar e remodelar a identidade tibetana. Um budismo tibetano sinicizado visa quebrar a profunda conexão do povo tibetano com o Dalai Lama e envolve um sistema distópico de vigilância e policiamento de alta tecnologia sobre mosteiros e conventos. Milhares de monges e monjas foram expulsos/as de institutos religiosos e alguns/algumas foram submetidos/as a campanhas extremas de “reeducação” “patriótica” que envolveram tortura e abuso sexual.

As políticas da China no Tibete e a sua posição sobre a reencarnação baseiam-se na noção de “manutenção da estabilidade” (weiwen), de alcançar a “estabilidade a longo prazo” como eufemismo político para esmagar a dissidência ou opiniões moderadas que contrariam o PCC, e assegurar o cumprimento do Partido-Estado.³

A reencarnação dos líderes religiosos tibetanos e, em particular, a sucessão do Dalai Lama são descritas pelas autoridades como “grandes lutas políticas” em prol da “manutenção da estabilidade”. Em abril de 2020, Liu Zhiqiang, vice-secretário do Comité do Partido na cidade de Lhoka, U-Tsang (em chinês: Shannan, Região Autónoma Tibetana), ordenou um “foco em lidar com as grandes lutas políticas da morte e reencarnação do 14.^o Dalai Lama”, a fim de “manter a estabilidade”.⁴

A China encara a crença religiosa como um dos seus problemas mais significativos no Tibete, que tem sido afetado pela sua incapacidade de afastar o povo tibetano da sua profundamente enraizada prática espiritual e das suas crenças religiosas, em particular a sua fidelidade ao Dalai Lama.

Este relatório descreve as implicações geopolíticas do plano da China para “sinicizar” o budismo tibetano e a sua tentativa de controlar a sucessão do Dalai Lama.



Principais conclusões:

- Briefings internos do PCC recentemente descobertos revelam que Pequim desenvolveu uma estratégia de relações públicas direcionada aos governos e meios de comunicação ocidentais envolvendo um plano para acabar com o apoio internacional ao Tibete, que apelidam de “era pós-Dalai”. Parte do seu plano inclui a instalação do seu próprio candidato a Dalai Lama.
- O Dalai Lama é a figura religiosa e secular mais importante para o povo tibetano e é fundamental para o futuro do Tibete e do budismo tibetano. A instituição do Dalai Lama possui legitimidade e autoridade espiritual abrangendo os Himalaias indianos e nepaleses, a Ásia Central e a Mongólia. Na China, um número crescente de budistas chineses segue o budismo tibetano.
- Combinado com medidas extremas de “sinicização”, o objetivo da China é garantir um controlo mais sustentado sobre o Tibete.
- A China vê o controlo sobre a reencarnação budista tibetana como uma componente crítica nos seus esforços para garantir a sua autoridade no Tibete, eliminar a identidade linguística, cultural e religiosa do Tibete e construir influência e domínio em todo o mundo budista. Um precedente foi estabelecido em 1995 com o rapto e desaparecimento por Pequim do jovem Gedhun Choekyi Nyima, reconhecido pelo Dalai Lama como o 11.º Panchen Lama, e a instalação do seu candidato, Gyaltzen Norbu.
- Os esforços da China para controlar o budismo tibetano estendem-se à Índia, Mongólia, Butão, Nepal e Ásia Central.
- A China tem reforçado os esforços de educação política e doutrinação, visando não só monges e monjas, mas também tibetanos/as leigos/as a nível local, para quebrar as lealdades existentes ao líder espiritual exilado. As pessoas tibetanas que sejam encontradas a comunicar com as comunidades exiladas, particularmente em Dharamsala, acerca do reconhecimento de lamas reencarnados correm o risco de tortura, prisão e até morte.⁵
- Têm sido organizados fóruns budistas tibetanos ligados à “Iniciativa Cinturão e Rota” de Xi Jinping para alavancar o budismo tibetano e expandir a influência extraterritorial.
- O 14.º Dalai Lama afirmou que:
 - É a única autoridade legítima sobre qualquer futura reencarnação.
 - Se quiser reencarnar, será num país livre fora da República Popular da China.
 - Cabe ao povo tibetano e aos budistas dos Himalaias e da Mongólia decidir se a instituição do Dalai Lama deve continuar.
 - Uma pessoa adulta pode ser escolhida como seu sucessor.
 - Uma mulher pode ser reconhecida, o que é uma rutura com uma tradição secular.
 - Será tomada uma decisão em estreita consulta com chefes religiosos tibetanos e outros quando completar 90 anos, em 2025.

Plano da China para Pôr Termo ao Apoio Global ao Tibete na «era pós-Dalai Lama»

Os dirigentes chineses estão conscientes da importância do Dalai Lama relativamente ao Tibete e seu futuro, e a postura agressiva de Pequim é alimentada por ansiedades quanto à sua capacidade de manter a estabilidade no Tibete.

Documentos políticos chineses inéditos e influentes,⁶ obtidos por investigadores tibetanos qualificados com contactos na República Popular da China (RPC), revelam que o Governo chinês está a fazer preparativos elaborados para o que descreve como a “era pós-Dalai”, um termo chinês que foi adotado para descrever os planos da China de capitalizar sobre a morte do Dalai Lama e escolher um sucessor.

Um documento faz uma distinção clara entre a “era Dalai tardia”, quando o Dalai Lama está vivo e o poder político reside no Governo tibetano no exílio,⁷ e a “era pós (ou depois) do Dalai”, que se refere ao período após a sua morte.⁸

Os documentos revelam a estratégia emergente da China de que o desaparecimento de um dos líderes espirituais mais amados e mais profundamente reverenciados do mundo representará uma oportunidade “estratégica” e “histórica” para Pequim redefinir a política do Tibete e acabar com o apoio internacional.

Os artigos, escritos por académicos chineses de institutos dirigidos pelo Partido, reconhecem que os esforços para influenciar a opinião pública global têm sido, até à data, um fracasso sombrio devido à força do apoio ao Dalai Lama e ao Tibete na cena mundial.

Eles fornecem informações sobre as inseguranças e o posicionamento do PCC à medida que redobram a aposta em medidas de controlo opressivas, transmitem uma sensação no Partido de que os resultados, no entanto, são incertos, e oferecem percepções raras sobre o pensamento e os preparativos do Partido. Um documento reconhece que existe a possibilidade de que “forças ocidentais hostis façam cada vez mais barulho sobre a ‘questão do Tibete’ e de que é improvável que o peso internacional da questão do Tibete diminua devido ao fim da era Dalai”.⁹

O primeiro documento também¹⁰ refere que o falecimento do Dalai Lama apresenta à China uma oportunidade de “escapar à sua situação passiva na comunicação sobre o Tibete” e um documento posterior, de 2017,¹¹ afirma que a questão da reencarnação “será inevitável, mas também deve ser vista como uma oportunidade”.¹² Ambos os documentos abordam a necessidade do PCC construir uma estratégia de relações públicas focada em treinar o Panchen Lama da China para substituir o “ídolo desaparecido” (Gedhun Choekyi Nyima, que foi escolhido pelo Dalai Lama como o 11.º Panchen Lama e desapareceu em 1995 – ver secção seis, “O Precedente do Panchen Lama” – e utilizar a situação para reforçar a posição da China a nível internacional, dando início a uma “nova era” de controlo sobre o Tibete.

A possibilidade de violência no Tibete quando o Dalai Lama falecer também é abordada, no entanto esta análise ignora a realidade de que, provavelmente, um surto de violência seria o resultado da interferência da China no processo de seleção e de medidas opressivas contra o budismo. O povo tibetano segue esmagadoramente a posição do Dalai Lama sobre a não-violência, apesar de décadas de duras repressões políticas que criminalizam até mesmo a expressão mais branda de lealdade ao líder espiritual exilado.

Os protestos esmagadoramente pacíficos de 2008, impulsionados pela participação de jovens, muitos dos quais carregavam fotografias do Dalai Lama e apelavam ao seu regresso ao Tibete, foram um ponto de viragem para os líderes da China, uma vez que se tornou claro que não tinham conseguido enfraquecer a influência do 14.º Dalai Lama e assimilar os/as tibetanos/as à cultura maioritariamente Han.

Apesar de décadas de esforço estratégico por parte de Pequim para “reeducar” monges e monjas tibetanos/as, um artigo¹³ descreve a contínua falta de confiança nos monásticos, afirmando que apenas “tulkus de alto nível” (aqueles aprovados pelo Partido Comunista) devem ser autorizados

a “difundir ideias budistas” e que lamas e tulkus comuns “não devem ser autorizados a discutir a liberdade religiosa” porque se acredita que essa “não é sua força e não se enquadra no seu trabalho”.

É também mencionado que, se o governo central quiser impor o seu próprio candidato a 15.º Dalai Lama, “então a moldagem da imagem da 15ª reencarnação deve ser colocada na ordem do dia o mais rapidamente possível”. Sabe-se que este processo está em curso. De acordo com uma fonte no Tibete, foi criado um “Pequeno Grupo Preparatório” de 25 pessoas, em Lhasa, para supervisionar os preparativos para a seleção do 15.º Dalai Lama.¹⁴

A Posição do 14.º Dalai Lama

Os sucessivos Dalai Lamas desempenharam um papel central no sistema político tibetano, combinando autoridade religiosa e política. Este sistema complementar de governação, referido como “chösi sungdrel”, tornou-se um marco do Governo de Gaden Phodrang,¹⁵ através do qual sucessivos Dalai Lamas governaram o Tibete. No exílio, foi criado o Gaden Phodrang Trust como o principal órgão¹⁶ encarregado de gerir os assuntos relacionados com o Dalai Lama e o processo de sucessão.

Em 14 de março de 2011, o Dalai Lama enviou uma carta histórica ao parlamento exilado para delegar a sua autoridade política numa liderança democraticamente eleita. O Dalai Lama afirmou que “a essência de um sistema democrático é, em suma, a assunção da responsabilidade política pelos líderes eleitos para o bem popular” e que “chegou o momento de delegar a minha autoridade formal a essa liderança eleita”. Desde então, um Sikyong (Presidente tibetano), eleito pelos/as tibetanos/as em toda a diáspora, assumiu todas as responsabilidades políticas da administração exilada.

No seu artigo intitulado “New changes and countermeasures against Tibet independence splittist activities in the post-Dalai era”, Wang Yanmin dá a entender que a devolução do poder político à democracia no exílio é considerada pela China como uma força para o Dalai Lama.

Em setembro de 2011, o 14.º Dalai Lama fez uma declaração escrita formal sobre a sua sucessão, realizando uma declaração definitiva da sua autoridade sobre o processo sucessório, negando assim qualquer legitimidade do PCC no processo.¹⁷

Apresentando as suas razões para fazer a declaração, o Dalai Lama afirmou: “Os governantes autoritários da República Popular da China que, como comunistas, rejeitam a religião, mas ainda se envolvem em assuntos religiosos, impuseram uma chamada campanha de reeducação [.....] sobre o controlo e reconhecimento das reencarnações [...] Isto é ultrajante e vergonhoso. A aplicação de vários métodos inadequados para reconhecer reencarnações visando erradicar as nossas singulares tradições culturais tibetanas está a causar danos que serão difíceis de reparar.”

E acrescentou: “Além disso, dizem que estão à espera da minha morte e reconhecerão um 15.º Dalai Lama da sua escolha. As suas recentes regras e regulamentos e subseqüentes declarações mostram claramente que têm uma estratégia pormenorizada para enganar o povo tibetano, os/as seguidores/as da tradição budista tibetana e a comunidade mundial.

“Portanto, embora eu permaneça física e mentalmente em forma, parece-me importante que elaborem diretrizes claras para reconhecer o próximo Dalai Lama, de forma a que não haja espaço para dúvidas ou enganar.”

“A aplicação de vários métodos inadequados para reconhecer reencarnações visando erradicar as nossas singulares tradições culturais tibetanas está a causar danos que serão difíceis de reparar.”

O 14.º Dalai Lama repetiu muitas vezes que o propósito da reencarnação é “cumprir a tarefa de vida [da reencarnação]” anterior e que a sua vida é fora do Tibete e “portanto, a minha reencarnação será logicamente encontrada fora [da RPC].”¹⁸

Ele também afirmou que o próximo Dalai Lama poderia ser uma mulher, observando: “Se uma mulher se revelar mais útil, o lama pode muito bem reencarnar desta forma” e acrescentou ainda que decidirá sobre o assunto após uma estreita consulta com altos chefes religiosos tibetanos, pessoas tibetanas e outras pessoas “interessadas” que seguem a tradição budista tibetana, “quando tiver cerca de 90 anos”.¹⁹

Em 2018, o Dalai Lama voltou a indicar que a prática tradicional de encontrar uma reencarnação jovem do Dalai Lama não era de forma alguma uma certeza, dizendo que o seu sucessor poderia ser “um alto lama ou alto erudito”, ou uma pessoa “com cerca de 20 anos de idade”.²⁰

No final do documento de 2011, o Dalai Lama declara: “Tenham em mente que, para além da reencarnação reconhecida através de tais métodos legítimos, nenhum reconhecimento ou aceitação deve ser dado a um candidato escolhido para fins políticos por ninguém, incluindo os da República Popular da China.”

A Estrutura de Dharamsala para a Sucessão

Na 14.ª Conferência Religiosa Tibetana, em 2019, foi declarado que “o vínculo cármico entre os Dalai Lamas e o povo tibetano tem sido inseparável” e que “todas as pessoas tibetanas desejam genuinamente a continuação da Instituição e Reencarnação do Dalai Lama no futuro”.

A fé e a fidelidade do povo tibetano no Dalai Lama são profundas e podem ser evidenciadas através do apelo contínuo dos/as tibetanos/as à sua continuação, bem como das respostas às declarações do Dalai Lama no exílio. Por exemplo, um número esmagador de manifestantes que se autoimolaram²¹ pediram o regresso do Dalai Lama ao Tibete e, na sequência de uma declaração do Dalai Lama que apelava aos/às tibetanos/as para deixarem de usar peles de animais ameaçados, milhares de pessoas tibetanas em todo o Tibete queimaram as suas valiosas peles.²²

O vínculo não se baseia apenas na associação da instituição Dalai Lama e do povo tibetano durante mais de 400 anos, mas também se estende ao domínio da crença e prática espiritual. Na mente do povo tibetano, a intromissão da China e a escolha do 15.º Dalai Lama são simplesmente inaceitáveis.

Consequentemente, foram convocadas várias reuniões que estabeleceram um precedente para a consulta, entre as pessoas tibetanas exiladas, sobre o futuro da luta tibetana e a instituição do Dalai Lama.

A primeira reunião deste tipo realizou-se em 2008 e, apesar dos perigos da comunicação com o mundo exterior, foram recebidas algumas mensagens enviadas por pessoas tibetanas do interior do Tibete. Um escritor anónimo disse: “Enquanto o Dalai Lama estiver connosco, temos determinação e sabedoria. O Dalai Lama deve ele próprio afirmar o processo de reencarnação. Só com o 14.º Dalai Lama é que tal terá algum prestígio e legitimidade, evitando um período de vazio na reencarnação e o envolvimento de forças externas.”

Uma nova reunião em outubro de 2019²³ reuniu representantes da administração no exílio com pessoas tibetanas de toda a diáspora. A conferência centrou-se na “relação entre a linhagem de Sua Santidade o Dalai Lama e o povo tibetano” e afirmou a sua rejeição acerca da interferência da China em qualquer futura reencarnação do Dalai Lama.²⁴

Em novembro de 2019, a 14.ª Conferência Religiosa Tibetana foi convocada em Dharamsala para permitir a participação de importantes figuras budistas tibetanas. A reunião serviu como uma oportunidade para os principais interessados decidirem sobre questões tibetanas significativas, incluindo a descoberta e o reconhecimento da reencarnação do Dalai Lama. Os participantes incluíram líderes das principais escolas budistas tibetanas, diretores e membros de institutos

“Se eu morrer como refugiado e a situação tibetana permanecer assim, então, logicamente, a minha reencarnação surgirá num país livre.”

monásticos tibetanos, representantes de mosteiros tibetanos de monges e monjas, bem como delegados da região dos Himalaias.

A Conferência aprovou por unanimidade a “Declaração de Dharamshala” que decidiu, entre outros pontos-chave, que “a autoridade de decisão sobre o modo e a maneira como a reencarnação do 14.º Dalai Lama deve aparecer cabe exclusivamente a Sua Santidade o 14.º Dalai Lama. Nenhum governo ou outro terá tal autoridade. Se o Governo da República Popular da China, para fins políticos, escolher um candidato a Dalai Lama, o povo tibetano não reconhecerá, nem respeitará esse candidato.”

Em janeiro de 2021, a 13.ª Conferência Budista Asiática para a Paz foi realizada em Colombo, Sri Lanka, e a conferência adotou coletivamente a Resolução Colombo-2021:

- “i) Dar continuidade à Instituição e Reencarnação do Dalai Lama no futuro;
- (ii) O incumbente 14.º Dalai Lama será a única autoridade acerca da forma como a próxima reencarnação do Dalai Lama deve voltar e o povo tibetano nunca deverá reconhecer qualquer candidato à reencarnação do Dalai Lama escolhido e instalado pelo governo chinês;
- (iii) Empregar o singular método tradicional tibetano com oito séculos na busca e reconhecimento do próximo Dalai Lama.”

Onde e Porquê?

Dois Dalai Lamas nasceram fora do que hoje constitui o Tibete. O quarto, Yonten Gyatso, nasceu de um descendente de Genghis Khan na Mongólia e o sexto, Tsangyang Gyatso, nasceu em Tawang, no que é hoje o estado indiano de Arunachal Pradesh (AP). Tawang também é significativo, pois Sua Santidade o 14.º Dalai Lama buscou refúgio inicial em Chuthangmo, no estado (de AP), após a sua dramática fuga do Tibete em março de 1959.

Dadas estas fortes ligações históricas, e a declaração do Dalai Lama de que "Se eu morrer como refugiado e a situação tibetana permanecer assim, então, logicamente, a minha reencarnação surgirá num país livre", tem havido especulações de que um 15.º Dalai Lama poderia nascer numa das áreas dos Himalaias visitadas pelo 14.º Dalai Lama e onde passou algum tempo a ensinar.

Isto tem precedentes históricos.

As visitas do 14.º Dalai Lama à Mongólia e a Arunachal Pradesh serviram de lembrete à RPC de que o seu futuro controlo da instituição e dos resultados não é, de forma alguma, absoluto. As visitas do Dalai Lama também foram percebidas por alguns budistas como possíveis indicadores de uma intenção, consistente com a prática de alguns Dalai Lamas anteriores, de reencarnar em lugares que haviam visitado anteriormente.

O povo indiano e nepalês dos Himalaias segue em grande parte o budismo tibetano e mantém profundo respeito e fé no Dalai Lama como o seu líder religioso. Centenas de lamas reencarnados vivem não apenas no Tibete, mas em toda a cordilheira dos Himalaias, no Nepal, e em Sikkim, Ladakh, Himachal e Arunachal Pradesh, na Índia, e alguns residem em países ocidentais. Além disso, a esmagadora maioria dos monges nos mosteiros tibetanos em toda a Índia são, em geral, dessas regiões dos Himalaias.

Em 2020, o Dalai Lama disse a um entrevistador da BBC que a questão da sua reencarnação caberia aos “budistas dos Himalaias, do Tibete e da Mongólia”.²⁵

O Precedente do Panchen Lama

Historicamente, o Panchen Lama tem sido uma das figuras religiosas mais reverenciadas do Tibete, com uma relação única com o Dalai Lama. No passado, os Panchen Lamas desempenharam um papel no reconhecimento e subsequente educação dos Dalai Lamas e vice-versa. Foi o 5.º Dalai Lama que reconheceu o seu professor, Lobsang Choekyi Gyaltzen, como o 4.º Panchen Lama. Posteriormente, o 7.º Dalai Lama reconheceu o 6.º Panchen Lama que, por sua vez, reconheceu o 8.º Dalai Lama.

Conhecendo este precedente histórico, os esforços da China para controlar a reencarnação intensificaram-se, em 1995, com o rapto de Gedhun Choekyi Nyima, de seis anos, o 11.º Panchen Lama reconhecido pelo atual Dalai Lama. Em seu lugar, a China instalou o seu próprio candidato, Gyaltzen Norbu.²⁶

Em 14 de maio de 1995, Gedhun Choekyi Nyima foi reconhecido por Sua Santidade o Dalai Lama como a 11.ª reencarnação do Panchen Lama. Em 17 de maio, Gedhun Choekyi Nyima e a sua família desapareceram. Vários tibetanos que estavam associados às buscas pelo 11.º Panchen Lama foram presos e condenados, acusados de partilhar informações com o Dalai Lama. Desde então, não existem provas concretas sobre Gedhun Choekyi Nyima ou o bem-estar e paradeiro da sua família, há mais de 20 anos.

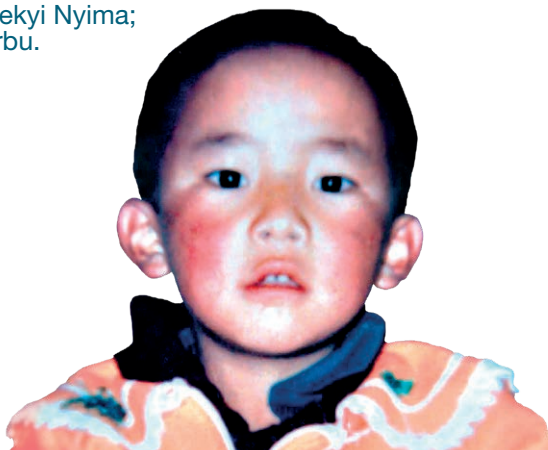
Esta foi, sem dúvida, a primeira indicação da determinação da China em atacar o coração da crença budista tibetana apropriando-se do sistema de reencarnação, particularmente da do Panchen Lama.

O plano de relações públicas da China é promover Gyaltzen Norbu como a chave para o processo de reconhecimento e instalação do seu próprio candidato a Dalai Lama. No entanto, após quase três décadas, Gyaltzen Norbu não tem legitimidade, nem reconhecimento por parte da maioria das pessoas tibetanas.

A imposição pela China de Gyaltzen Norbu como Panchen Lama foi uma clara rutura com a sua anterior e mais branda política. Por exemplo, a China não fez qualquer tentativa de interferir no processo de busca e reconhecimento do 17.º Karmapa, escolhido pelos lamas exilados e confirmado pelo Dalai Lama. Pequim também o “reconheceu” oficialmente e permitiu a sua entronização no mosteiro de Tsurphu.

Inicialmente, a busca pelo 11.º Panchen Lama começou de forma semelhante. Chadrel Rinpoche, ex-abade do tradicional mosteiro do Panchen Lama em Tashilhunpo, foi autorizado a chefiar a equipa de busca. Quando um rapaz foi identificado, de acordo com os métodos tradicionais, as autoridades chinesas permitiram que Chadrel Rinpoche se encontrasse com o irmão do Dalai Lama, Gyalo Thondup, em Pequim, em julho de 1993, juntamente com um funcionário do Departamento de Trabalho da Frente Unida.

Gedhun Choekyi Nyima;
Gyaltzen Norbu.



No entanto, em maio de 1995, quando o 11.º Panchen Lama foi reconhecido pelo Dalai Lama, Chadrel Rinpoche foi detido e, em abril de 1997, foi condenado a seis anos de prisão sob a acusação de “separatismo” e “fuga de segredos de Estado”. Desde a sua detenção, o seu paradeiro e condição permanecem totalmente desconhecidos.²⁷ O seu assistente, Jampa Chungla, foi condenado a cinco anos de prisão em 1996 e morreu sob custódia, em novembro de 2010.²⁸

Desde o desaparecimento forçado do Panchen Lama em 1995, o Governo chinês tem recusado repetidos pedidos de acesso independente para determinar a sua saúde, bem-estar e paradeiro, alegando que levava uma vida normal e não queria ser perturbado. A China justificou o seu desaparecimento com o argumento de que era para a sua própria proteção.

A propaganda chinesa procura projetar Gyaltzen Norbu como sendo mais importante do que o Dalai Lama na hierarquia budista tibetana. Por exemplo, um relatório da Xinhua de 2005 descreveu-o como “a figura de mais alto nível no budismo tibetano” e o “líder do budismo tibetano”.²⁹

Um dos documentos académicos chineses destaca a necessidade estratégica de um plano de comunicação e de “criação de imagem” para Gyaltzen Norbu e levanta a preocupação de que a China “carecia de um porta-voz tibetano com uma imagem que pudesse competir [com o Dalai Lama]”, prosseguindo que a ‘era pós-Dalai’ será ‘a nossa oportunidade’, embora reconhecendo as dificuldades inerentes que isso trará “devido à questão do reconhecimento privado do ‘Panchen’ pelo Dalai Lama’, a criação de uma imagem para o 11.º Panchen Lama não será um processo fácil.”

As estratégias do PCC incluem:

- Tentativas de desafiar as concepções dos governos ocidentais de que Gyaltzen Norbu é uma “ferramenta política” do governo chinês;
- Transformar Gyaltzen Norbu num porta-voz dos interesses tibetanos e num lama sénior que promove o budismo, “não apenas um ‘porta-voz’ de Amar o País, Amar a Religião”³⁰
- Consolidar a posição de Gyaltzen Norbu para que ele possa preencher a imagem de ‘ídolo desaparecido’ criada pelo Ocidente após a morte do Dalai. Haverá grande dificuldade em atingir esse objetivo [...].”

Prosseguindo este plano, as autoridades chinesas têm progressivamente aumentado o perfil de Gyaltzen Norbu tanto na esfera secular como religiosa. Foi-lhe concedido um certo número de títulos políticos, incluindo:

- Em 2010, Gyaltzen Norbu foi nomeado Vice-Presidente da Associação Budista Chinesa.
- Em 2010, foi nomeado para a Conferência Consultiva do Povo Chinês, um órgão que endossa as decisões dos membros séniores do Partido.³¹
- Em 2019, Gyaltzen Norbu foi eleito presidente da filial local da Associação Budista da China na Região Autónoma Tibetana (RAT). Esta é uma importante subdivisão da associação, dedicada inteiramente ao controlo do budismo tibetano e é conhecida como a Comissão de Trabalho sobre o Budismo Tibetano da Associação Budista da China.³²

Para além dos deveres monásticos habituais, que seriam esperados para tal figura, o significado estratégico e político do papel de Gyaltzen Norbu também pode ser observado:

- Gyaltzen Norbu realizou uma “visita de inspeção” a mosteiros e aldeias em áreas sensíveis da RAT perto da fronteira indiana, em 2019 e em julho de 2022.³³ Gyaltzen Norbu foi informado pelo então chefe do Partido da RAT, Wu Yingjie, antes da sua visita, e um relato da imprensa oficial referiu que o seu papel ia além das atividades religiosas para incorporar a “pesquisa”.³⁴
- Gyaltzen Norbu foi fotografado na controversa central hidroelétrica de Zam, em Lhokha.³⁵ Esta foi uma oportunidade incomum para um religioso indicar que pode desempenhar outros papéis, ao destacar como a água do Tibete no planalto de maior altitude do mundo é considerada um ativo estratégico pela RPC.³⁶

- Em 2018, Gyaltzen Norbu visitou o lago de peregrinação de Lhamo Lhatso,³⁷ conhecido como o “lago oráculo”. Este local sagrado está ligado tanto à reencarnação do Dalai Lama como ao reconhecimento do seu escolhido Panchen Lama, Gendun Choekyi Nyima.³⁸
- Em abril de 2012, Gyaltzen Norbu fez a sua primeira aparição no Fórum Budista Mundial fora do continente, em Hong Kong. Enquanto em Hong Kong, o Panchen Lama chinês visitou uma relíquia de osso do crânio de Buda que arqueólogos chineses encontraram na província de Jiangsu, como parte dos esforços de Pequim para reforçar as suas reivindicações sobre a sua herança budista.³⁹

O apoio do Partido Comunista ao mais alto nível a Gyaltzen Norbu e o seu papel no planeamento futuro da China podem ser vistos pelo seu envolvimento com os principais funcionários do PCC:

- Em 10 de junho de 2015, Gyaltzen Norbu foi recebido em Zhongnanhai por Xi Jinping e três outros membros do Politburo logo após uma reunião do Departamento de Trabalho da Frente Unida em Pequim sobre ameaças ao Partido.⁴⁰
- Em julho de 2011, Gyaltzen Norbu conheceu o líder chinês no Tibete, quando Xi prestou homenagem ao 10.º Panchen Lama no Mosteiro de Tashilhunpo oferecendo uma khatag.
- Em 2006, um Gyaltzen Norbu vestido de castanho juntou-se a fileiras de homens de fato e outros monges de 27 países e regiões para o “World Buddhist Forum” organizado pela China na cidade oriental de Hangzhou, província de Zhejiang. O budista mais famoso do mundo, o Dalai Lama, não foi convidado para o encontro, uma vez que as autoridades chinesas o retrataram como um perigoso “separatista”.⁴¹

No entanto, os esforços da China para traçar o perfil global de Gyaltzen Norbu na esfera secular bem como religiosa sofreram um revés em maio de 2022, quando lhe foi recusada permissão para visitar o local de nascimento de Buda, em Lumbini, no Nepal. O governo nepalês teria retirado a permissão após tanto a embaixada dos EUA em Katmandu, como o governo indiano terem tocado o alarme.⁴² Esta teria sido a segunda visita de Gyaltzen Norbu fora da China.⁴³

Em vez disso, em 16 de maio de 2022, Narendra Modi visitou Lumbini coincidindo com o Dia do Buda Jayanti, um festival comemorativo do nascimento do Buda. Modi tornou-se o primeiro primeiro-ministro indiano a visitar a pequena cidade de peregrinação perto da fronteira da Índia, o que é uma indicação das intenções da Índia em exercer influência na região.

As Novas estratégias da China em relação à Reencarnação

A destruição do budismo pela China é anterior à invasão do Tibete. Quando o Exército Vermelho marchou pelo leste do Tibete durante a Longa Marcha em 1935, foram destruídos muitos mosteiros e confiscados grãos, levando à fome. Depois de 1959, a China desencadeou uma campanha atrás da outra, incluindo a chamada “Reforma Democrática” e a Revolução Cultural, durante a qual quase todos os mosteiros foram destruídos.

Desde 1994, a repressão da China contra a religião no Tibete tornou-se mais sistemática quando impôs uma série de medidas restritivas, incluindo a limitação do número de monges e monjas, a proibição de fotografias do Dalai Lama e o início de campanhas violentas contra o líder religioso. No entanto, essas medidas não conseguiram erradicar plenamente a devoção ou a determinação tibetana em proteger e preservar a sua identidade religiosa.

No entanto, o rapto da escolha de Panchen Lama pelo Dalai Lama marcou uma abordagem ainda mais agressiva e consistente para controlar a seleção, instalação e educação de lamas reencarnados como meio de reforçar o governo chinês como árbitro da cultura budista tibetana. Nas décadas que se seguiram, as autoridades chinesas implementaram uma série de medidas severas destinadas a consolidar ainda mais o controlo de Pequim sobre o sistema de reencarnação tibetano, incluindo a Ordem nº 5 e a criação de um banco de dados oficial de lamas reencarnados sujeito à aprovação do PCC.

A Ordem nº 5, ou “Medidas de Gestão para a Reencarnação de Budas Vivos no Budismo Tibetano”, foi aprovada pela Administração Estatal de Assuntos Religiosos (AEAR) para implementação a partir de 1 de setembro de 2007.⁴⁴ Este foi o primeiro passo da «gestão» e da «regulação» da reencarnação por via legal do Partido. A lei estipula a proibição de procurar e reconhecer um “tulku” por grupos e indivíduos “não autorizados”, estipulando que “Budas vivos reencarnados não serão objeto de interferência ou estarão sob o domínio de qualquer organização ou indivíduo estrangeiro” (Artigo Segundo). Isso também significa que, de acordo com a lei, os “Budas vivos” devem perder o seu estatuto de tulku se deixarem a RPC. Isso poderia servir para questionar a validade das linhagens budistas fora das fronteiras da RPC, se Pequim se esforçar para o fazer.

A Ordem nº 5 decretou que as reencarnações de “Budas vivos” que não têm aprovação do governo são “ilegais ou inválidas”, o que pretende transmitir que o sistema tibetano de reconhecimento e educação de lamas reencarnados já não é relevante porque é o governo chinês que decide se a reencarnação é uma figura religiosa legítima ou não. A China chegou mesmo a aplicar as medidas retroativamente a tulkus reconhecidos antes de 2007 por meios religiosos tibetanos autênticos.

O Dalai Lama não foi especificamente nomeado na Ordem n.º 5. Mas a linguagem oficial sobre a reencarnação tornou-se muito mais contundente e agressiva na culpabilização do Dalai Lama, emergindo tal de uma aguda consciência da sua influência contínua e de um imperativo político para o suplantar, particularmente desde a onda de autoimolações que varreu o Tibete a partir de 2009.

Em 2019, por exemplo, o jornal pró-Pequim Global Times informou que “a reencarnação, escrita em regulamentos governamentais e incorporada no budismo tibetano, será realizada adequadamente e não será afetada por nenhum indivíduo ou pela ‘camarilha separatista do Dalai Lama’”.⁴⁵

A abordagem mais sistemática não visa apenas impedir qualquer envolvimento do Dalai Lama na sua própria reencarnação, mas também impedir qualquer possibilidade de regresso à sua terra natal. Isto é angustiante para as pessoas tibetanas no Tibete; o apelo esmagador de quem arriscou as suas vidas manifestando-se pacificamente nos protestos de 2008 foi para que o Dalai Lama regressasse a casa.

Em 2016, as autoridades chinesas anunciaram que tinham concluído uma “base de dados de Budas Vivos com biografias de mais de 1.300 Budas Vivos residentes no país”. Zhu Weiqun, ideólogo do Partido e ex-interlocutor do Departamento de Trabalho da Frente Unida com os enviados do Dalai Lama, afirmou que a intenção desta base de dados era “desferir um duro golpe no Dalai Lama, uma vez que ele tem utilizado o seu estatuto religioso para reconhecer livremente Budas Vivos – o que é contra a tradição religiosa – numa tentativa de controlar os mosteiros tibetanos e dividir o país”.⁴⁶

A imprensa estatal chinesa referiu que o sistema de registo eletrónico contém os perfis de 1.311 indivíduos aprovados pelo Estado “como Budas reencarnados”.⁴⁷ As autoridades provinciais lançaram subsequentemente bases de dados regionais, incluindo na RAT.

O último Livro Branco do governo chinês, divulgado em maio de 2022, confirmou que na RAT “foram identificados e aprovados 92 Budas Vivos reencarnados através de rituais religiosos tradicionais e convenções históricas” (o que significa que foram identificados oficialmente, embora não através de meios tradicionais).^{48 49}

A tónica colocada no controlo dos lamas reencarnados é um indicador das dificuldades políticas enfrentadas pelas autoridades na sequência da sua incapacidade de assegurar, nos últimos anos, a fidelidade de alguns lamas reencarnados seniores no Tibete.

O 17.º Karmapa Ogyen Trinley Dorje, reconhecido pelos lamas tibetanos, aprovado por Pequim e confirmado pelo Dalai Lama, estava a ser preparado pelos chineses como uma figura “patriótica”. No entanto, em 1999, escapou do Tibete e vive agora no exílio. Arjia Rinpoche, então abade do Mosteiro de Kumbum, em Amdo, que também ocupava várias posições oficiais, desertou para os EUA em 1998, depois de Pequim ter pedido o seu apoio para o Panchen Lama da China. Ambos fizeram declarações posteriores sobre a ausência de genuína liberdade religiosa no Tibete.⁵⁰

Em dezembro de 2016, o Comité do Partido Central concordou em estabelecer o controlo do Partido Comunista sobre a gestão de todos os institutos budistas tibetanos de alto nível em toda a China.⁵¹

Dois anos mais tarde, em 2018, foi anunciado que 200 quadros do Partido Comunista e funcionários leigos estavam a assumir toda a gestão, finanças, segurança, admissões e até mesmo a escolha de livros didáticos no principal instituto budista de Larung Gar, após demolições e expulsões de milhares de monges e monjas em anos anteriores.⁵²

Tradicionalmente foram sempre os lamas, khenpos, geshes e outros líderes religiosos seniores que administraram os assuntos de mosteiros e outros centros de aprendizagem budista. Os líderes religiosos tomavam decisões sobre o estudo, treino, meditação, retiro e, claro, a busca e o reconhecimento das reencarnações dentro de seus domínios.

A China planeia inverter sistematicamente esta prática secular.

A estratégia linha-dura do PCC para controlar o sistema de reencarnação tibetano pode ser evidenciada no novo cargo do secretário do Partido da RAT, Wang Junzheng. Wang, que é um dos poucos líderes chineses a serem sancionados pelos EUA, Reino Unido, União Europeia e Canadá,⁵³ foi anteriormente chefe de segurança da Região Autónoma Uigure de Xinjiang (Turquestão Oriental), onde presidiu aos campos de “reeducação” em toda a região, envolvendo prisões massivas, tortura e violações.⁵⁴

Um dos seus primeiros compromissos no Tibete, em 2021, foi uma reunião com tulkus “oficiais” reconhecidos por Pequim, em Lhasa, durante a qual Wang enfatizou o controlo da China sobre as reencarnações.⁵⁵

Novas estratégias para a reencarnação desenvolvidas pela China incluem:

- A intensificação da educação política e da doutrinação estendeu-se aos tibetanos comuns, incluindo em áreas estrategicamente significativas perto da fronteira com a Índia.
- O cultivo de altas figuras religiosas e seculares leais ao Partido. Tais pessoas são vistas como centrais para os esforços visando instalar e apoiar o candidato Dalai Lama escolhido pela própria China.
- Formação de jovens lamas reencarnados detalhada numa base de dados oficial do PCC existente em rede de institutos geridos pelo governo.⁵⁶
- Substituir as peregrinações religiosas por visitas supervisionadas a locais “vermelhos”, como o local de nascimento de Mao Tsé-Tung ou bases militares.⁵⁷
- A campanha “Quatro Padrões”, aplicada nos mosteiros desde 2018, envolve a exigência de que os praticantes religiosos sejam leais ao Partido Comunista e “confiáveis em momentos críticos”. Os monges também são instruídos a promover o governo – um método aprovado de reconhecimento da reencarnação. A campanha sustenta os esforços ideológicos e quase legais do PCC para garantir um amplo apoio à sua escolha do próximo Dalai Lama e de qualquer outro lama reencarnado.

Com as suas medidas pseudo-legais, como a Ordem n.º 5, o Partido Comunista tem planos para anular e invalidar o sistema budista tibetano de reconhecimento de reencarnações. Se alguma figura religiosa for contra essas medidas de controlo escalonado, será submetida a prisão, tortura e até morte. Em 2020, um monge em Nagchu (Ch: Naqu) foi torturado e morreu depois de ter sido encontrada uma fotografia no seu telemóvel de um menino reconhecido como lama reencarnado pelo 14.º Dalai Lama na Índia.⁵⁸ Outro líder religioso na casa dos oitenta, Tulku Dawa, foi condenado a sete anos de prisão e a sua morte silenciada depois de ter sido suspeito de comunicar com o Dalai Lama sobre uma reencarnação no seu mosteiro.⁵⁹

Programas de Formação: Uma Ferramenta para Legitimar a Interferência Partidária

O controlo da China sobre o processo de reencarnação tibetano está focado em “salvaguardar a reunificação da pátria e a adaptação do budismo tibetano ao socialismo”,⁶⁰ bem como “transmitir a ideologia e a propaganda do Partido à sociedade de base”.

Exemplos de programas de treino de tulku na China incluem:

- Em maio de 2020, mais de 100 “Budás vivos” e quadros do Partido sediados nos seus mosteiros passaram por um treino de nove dias sobre política religiosa e “gestão da reencarnação”. Alguns anos antes, em novembro de 2016, na cerimónia de encerramento do curso de treino para “Budás vivos recém-reencarnados no Tibete”, organizado pelo Departamento de Trabalho da Frente Unida do Comité Central e pelo Comité do Partido da RAT, Zhu Weiqun⁶¹ afirmou: “O significado da Aula de Treino de Buda Vivo deve ser entendido a partir da perspetiva da história, da perspetiva da gestão governamental do budismo tibetano, da perspetiva da manutenção da unidade da pátria e da perspetiva da adaptação do budismo tibetano ao socialismo.”⁶²
- O Departamento de Trabalho da Frente Unida em Sichuan organizou uma exposição de “Budás vivos” em setembro de 2020 e anunciou que treinou mais de 439 reencarnações aprovadas pelo Partido na província.⁶³
- Os quadros do Partido são também formados na abordagem do Partido Comunista à reencarnação. Isso ocorreu em fevereiro de 2021, quando quadros e trabalhadores foram obrigados a participar em sessões de estudo em Gyalthang (rebatizado pelas autoridades como cidade de Shangri La), Dechen, Kham (chinês: Deqing, província de Yunnan).⁶⁴

Funcionários que poderiam identificar um 15.º Dalai Lama na República Popular da China

Na sua base de dados oficial de lamas reencarnados, a China faz uma distinção entre tulkus “comuns” (que são aprovados pelos departamentos de assuntos religiosos das províncias e regiões autónomas) e aqueles “com maior influência”, que são obrigados a reportar à Administração Estatal de Assuntos Religiosos. Há outra categoria de “Budás Vivos com influência particularmente significativa” (que não está definida), que também deve reportar ao Conselho de Estado.⁶⁵

Em maio de 2021, um Livro Branco chinês afirmava que “atualmente mais de 600 figuras religiosas servem como deputados ou membros de congressos populares e conferências consultivas políticas em vários níveis”.⁶⁶ É provável que um grande número destas figuras relevantes seja oficialmente designada «Budás Vivos».

Em Qinghai, em 2021, 35 membros do Comité Consultivo do Povo Chinês de Qinghai (CCPCQ) vieram da comunidade religiosa, incluindo 10 ‘Budás Vivos’.⁶⁷ Em Sichuan, em 2021, a CCPCQ incluiu sete tulkus e um abade de Yarchen Gar, o instituto religioso de Kham, onde milhares de monjas e monges foram expulsas/os e as suas casas demolidas.⁶⁸ Em 2021, os membros da CCPCQ da província de Gansu incluíram cinco ‘Budás Vivos’.⁶⁹

Os “Budás Vivos” escolhidos pelo Estado também são usados pela China para a diplomacia internacional. Por exemplo, uma delegação de alto nível chefiada por Shangtsa Tenzin Chudrak, vice-diretor do Comité Permanente do Congresso Popular da Região Autónoma do Tibete e «reencarnação de Buda vivo», deslocou-se aos Estados Unidos em 2015 para transmitir uma mensagem pró-Pequim relativamente ao Dalai Lama.⁷⁰

Muitos destes indivíduos estão associados a institutos ou mosteiros em áreas estrategicamente significativas, como Chamdo, Kham (Ch: Qamdo, RAT). As autoridades comunistas ganharam o

controle do Tibete central quando Chamdo caiu nas mãos do Exército de Libertação Popular após uma dura resistência, em outubro de 1950. Chamdo tem estado sob forte repressão desde os protestos massivos em março de 2008, seguidos de um reforço dramático da segurança na área e pela imposição de medidas de “emergência” que incluem uma “prontidão para defender até à morte locais-chave, objetivos-chave e áreas-chave em períodos sensíveis e altamente críticos”.⁷¹

Na véspera do 70.º aniversário do Dia Nacional do Partido, a 1 de outubro de 2019, os meios de comunicação estatais chineses transmitiram imagens de monges no Mosteiro de Jampa Ling, em Chamdo, a pendurar khatags em imagens gigantes de Xi Jinping e Mao Tsé-Tung. Especula-se que as autoridades chinesas possam escolher esses mosteiros, vistos por muitos tibetanos como a mão armada da China, como a base do seu futuro candidato a Dalai Lama. Ver apêndice A) Papéis Individuais na Sucessão do Dalai Lama na China.

Controlo Estratégico sobre o Budismo Tibetano

A nova fase, mais dura, dos esforços extensos da China para controlar o Tibete, substituindo a lealdade ao Dalai Lama pela fidelidade à política do Partido, é evidente numa série de desenvolvimentos perturbadores na esfera religiosa. Sinalizando o seu objetivo de substituir a educação monástica por uma educação secular que enfatiza a propaganda do Partido Comunista – impondo assim o “gene vermelho” a uma geração mais jovem – monges novatos estão a ser obrigados a deixar as escolas monásticas em detrimento de uma educação secular.

Tradicionalmente, no Tibete, os monges entravam em mosteiros, que eram importantes centros de cultura e educação, muito jovens. Embora as equipas de trabalho do Partido Comunista tenham começado a impedir a entrada de jovens monges nos mosteiros em meados da década de 1990, o nível de aplicação variou de mosteiro para mosteiro. Hoje, os esforços para matricular à força jovens monges em escolas administradas pelo governo estão a espalhar-se no Tibete, incluindo em Qinghai e Sichuan.⁷²

Isto é importante porque nos mosteiros tibetanos, os monges são criados para serem protetores da sua própria cultura e dos valores budistas desde a mais tenra idade. Quando crescem, transmitem a sua educação a outros monges. Quando os monges noviços são forçados a deixar os mosteiros, esta ligação vital entre gerações é quebrada.

A China adotou igualmente novas medidas como parte da sua estratégia para minar e suplantam a hierarquia religiosa tibetana e enfraquecer a autoridade dos legítimos líderes religiosos tibetanos, tanto dentro como fora do Tibete.

O tradicional grau budista tibetano “Geshe”, a mais alta forma de erudição budista, foi substituído por uma qualificação de Geshe aprovada pela China. Isto é acompanhado por restrições mais rigorosas para os professores tibetanos que estudaram na Índia e são altamente valorizados pelo seu conhecimento e prática, especialmente porque tiveram a oportunidade de estudar e assistir aos ensinamentos do Dalai Lama. Estes monges têm sido incapazes de ensinar em mosteiros na RAT porque são encarados como tendo sido “educados erroneamente na Índia”.⁷³

Em 2012, o então chefe do Partido da RAT, Chen Quanguo, endureceu ainda mais as restrições quando lançou, pela primeira vez, uma operação de vigilância sistemática sobre tibetanos que visitavam Bodh Gaya – onde o Buda alcançou a iluminação – na Índia. Foi a mais dura repressão extraterritorial contra as atividades do Dalai Lama no exílio, seguindo uma tendência de medidas cada vez mais duras visando atacar a devoção contínua ao Dalai Lama no seio do Tibete.⁷⁴

Centenas de pessoas tibetanas “desapareceram” após o seu regresso ao Tibete e foram detidas durante longos períodos para “reeducação” em campos militares e outras instalações. Os casais de idosos foram separados e foi-lhes negada medicação, e aos jovens tibetanos que tinham gasto poupanças de uma vida inteira na viagem foram cobradas taxas pela sua participação na “reeducação” forçada. Algumas famílias não souberam do paradeiro dos seus familiares durante semanas ou meses. Mais tarde, descobriu-se que tinham sido mantidos em campos militares ou outros locais, tais como escolas reaproveitadas como “centros de reeducação”.

O budismo tem sido usado como uma ferramenta na busca de Xi Jinping para alcançar objetivos políticos.

Em julho de 2014, quando o Dalai Lama conferiu ensinamentos no Ladakh, o Estado chinês descreveu-os como um incitamento ao «ódio» e à «ação extremista».

Em 2017, milhares de peregrinos/as tibetanos/as foram obrigados/as pelas autoridades chinesas a regressar ao Tibete após terem viajado para a Índia para assistir a um importante ensinamento do Dalai Lama. A essa medida por parte da China seguiram-se medidas mais sistemáticas no Tibete para impedir que as pessoas tibetanas viajassem para fora do país.⁷⁵ Várias centenas de pessoas tibetanas que haviam chegado a Dharamsala puderam participar em audiências com o Dalai Lama antes de assistir aos ensinamentos, mas muitas outras não conseguiram fazê-lo. Um tibetano disse: “Os peregrinos tibetanos estavam a soluçar, agarrando-se uns aos outros, com o coração partido por serem forçados a sair antes mesmo de Sua Santidade chegar”.⁷⁶

Projetando a “sinicização” através dos Himalaias e Além

Consciente da popularidade global do Dalai Lama, particularmente nas regiões dos Himalaias, e sua expansão no mundo, a China tomou medidas ativas para promover o budismo “com características chinesas”, ao mesmo tempo que prossegue políticas destrutivas para eliminar a identidade religiosa tibetana, bem como outras religiões.⁷⁷

O budismo tem sido usado como uma ferramenta na busca de Xi Jinping para alcançar objetivos políticos de supremacia em questões geopolíticas, militares e territoriais. Locais sagrados, incluindo o local de nascimento de Buda no Nepal e outros locais de peregrinação na Índia, tornaram-se áreas contestadas onde a China procura projetar uma agenda política de “sinicização” para minar o 14.º Dalai Lama e conquistar apoio para o seu próprio futuro candidato.

Nos últimos anos, as tensões com a Índia aumentaram, particularmente ao longo da fronteira com o Tibete. A China reivindicou Arunachal Pradesh como parte do seu território, descrevendo o Estado indiano como “Tibete do Sul” e referindo-se à sua propriedade da cidade natal do Sexto Dalai Lama.

Durante mais de uma década, a China aumentou as incursões em território indiano e butanês ao longo da fronteira. Em junho de 2020, as tropas entraram em confronto no vale de Galwan, resultando na morte de 20 soldados indianos e pelo menos quatro chineses. Este foi o confronto mais mortal entre as duas nações nucleares, em ambos os lados da fronteira de alta altitude, nas últimas cinco décadas.

Como resultado, a China está a expandir o seu alcance extraterritorial através dos Himalaias, à medida que procura minar a influência do Dalai Lama na região e enfraquecer a comunidade tibetana exilada que vive no subcontinente. A China transformou um compromisso secular entre a China e a Índia – envolvendo intérpretes indianos que visitam a China e peregrinos chineses que visitam locais budistas na Índia – num campo de batalha político.

A construção de vários aglomerados de “aldeias modelo ‘xiaokang’ (abastadas) de defesa fronteiriça”, incluindo duas que foram construídas nos últimos dois anos, está correlacionada com dois lugares que testemunharam combates na Guerra Sino-Indiana de 1962 – Tsona face a Tawang e Dzayul face a Walong, em Arunachal Pradesh.

Em 2014, a China incorporou Arunachal Pradesh como parte do seu território num novo mapa publicado logo após a tomada de posse de Narendra Modi como primeiro-ministro indiano.⁷⁸ Na véspera de uma nova Lei de Fronteiras Terrestres da China entrar em vigor, em dezembro de 2021, a China anunciou que havia padronizado em caracteres tibetanos e chineses os nomes de 15 lugares em Arunachal Pradesh, que apelida de “Zangnan”⁷⁹ (Tibete do Sul).

Quando Xi Jinping realizou a sua declaração sobre a segurança das fronteiras e a sua ligação à segurança nacional da China, estava a enviar um sinal de intenção. O historiador e escritor Matthew Akester referiu que a próxima etapa da consolidação no Tibete “seria construir a fronteira e, assim, aumentar a pressão sobre a Índia. [...] Indiscutivelmente, tal tem ecos da guerra de 1962 – a percepção do lado chinês da dupla necessidade tanto de estabilizar o Tibete, como de demonstrar uma postura agressiva na fronteira com a Índia, para lidar com qualquer oposição ou ameaça e, finalmente, para exercer domínio regional.”⁸⁰

Em resposta à visita do Dalai Lama a Tawang para ensinamentos religiosos, em 2017, o Ministério das Relações Exteriores da China alertou que isso “prejudicaria gravemente a paz e a estabilidade das regiões fronteiriças entre a China e a Índia, e as relações China-Índia”. Acrescentou que, ao convidar o Dalai Lama para uma área onde a China e a Índia tinham disputas territoriais, o lado indiano “violou o seu compromisso em questões relacionadas com o Tibete e escalou a disputa fronteiriça”.⁸¹⁸²

Isto está subjacente à ligação entre a questão da fronteira Índia-China e a reencarnação do Dalai Lama. Para a China, reivindicar Tawang significa reforçar a sua reivindicação sobre o Tibete. No entanto, “para a China, a Linha McMahon, que nasceu do Acordo de Simla de 1914 e foi assinada entre os tibetanos e a Índia britânica, é um legado colonial que não tem qualquer legitimidade”, afirmou o analista tibetano Tshering Chonzom Bhutia. “Além disso, reconhecer a Linha McMahon teria sérias implicações para a reivindicação da China sobre o Tibete como uma ‘parte inalienável da China’ e, na verdade, deslegitimaria a sua ‘libertação’ da região em 1950.”⁸³

O Papel da Mongólia na Sobrevivência do Budismo Tibetano e Sucessão do Dalai Lama

A Mongólia é o maior país livre em que o budismo tibetano é a religião principal. Com uma população de mais de 10 milhões de mongóis vivendo na Eurásia, há mais budistas tibetanos no país do que em qualquer outro lugar do mundo, incluindo o Tibete.

A Mongólia tem um papel fundamental em qualquer sucessão futura por duas razões principais:

- Um dos dois únicos Dalai Lamas de fora do Tibete nasceu na Mongólia;
- Historicamente, a autoridade para identificar reencarnações do líder espiritual da Mongólia, o Jetsun Dhamba Khutuktu (Bogd Khan), envolveu o Dalai Lama.

Em 2016, o 14.º Dalai Lama anunciou que a reencarnação do 10.º Jetsun Dhamba tinha nascido na Mongólia. Antes da morte do 9.º Jetsun Dhamba, este havia deixado um testamento dizendo que renasceria na Mongólia, e que a sua reencarnação seria reconhecida apenas pelo Dalai Lama “que é o meu guru raiz em todos os meus nascimentos”.⁸⁴ O reconhecimento manteve a tradição budista tibetana e contrariou os esforços da China para interferir no seu próprio processo de seleção como um “ensaio” para a sucessão do Dalai Lama fora da China.

De acordo com fontes não oficiais na Mongólia, na noite em que o 9.º Jetsun Dhampa faleceu, a primeira delegação a visitar para “expressar condolências” foi da Embaixada da China. Uma fonte tibetana informada referiu que os delegados chineses também transmitiram a mensagem de que a reencarnação do líder espiritual não deveria ser decidida pelo Dalai Lama. De acordo com a mesma fonte, as autoridades chinesas poderiam ter a intenção de instalar o seu próprio candidato Bogd Khan na China quando a criança reconhecida pelo Dalai Lama fosse identificada.

Em novembro de 2016, o Dalai Lama fez uma visita de cinco dias a Ulaanbaatar e, após a sua viagem, disse numa conferência de imprensa: “É muito claro que a reencarnação está agora na Mongólia”.⁸⁵ No entanto, o Dalai Lama não revelou publicamente a identidade da reencarnação, dizendo que a criança precisa de passar por vários anos de preparação. Desde então, pouca ou nenhuma informação foi divulgada sobre o processo⁸⁶ e a criança não foi identificada no contexto das pressões exercidas sobre a frágil democracia da Mongólia pela sua poderosa vizinha China. Para além das sensibilidades óbvias da situação política, é coerente com a prudência do Dalai Lama em identificar publicamente um «tulku» até que a criança revele as qualidades adequadas.

A China implementa inúmeras estratégias para coagir e promover os seus interesses na Mongólia, sem litoral e altamente dependente da China e da Rússia para obter recursos.⁸⁷ Em 2016, a China respondeu à visita do Dalai Lama e ao seu envolvimento na identificação do 10.º Jetsun Dhamba cancelando uma proposta de empréstimo de 4,2 mil milhões de dólares à Mongólia, o que foi um revés para os mongóis que procuravam estreitar os laços com Pequim. A China também intensificou a sua propaganda sobre o Tibete na Mongólia⁸⁸, refletindo o seu ressentimento com o envolvimento do Dalai Lama.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Mongólia afirmou, em dezembro de 2016, que a reencarnação era um assunto para a instituição religiosa e que não exigia “qualquer influência ou envolvimento externo”.⁸⁹ Além disso, a imprensa mongol afirmou que a 10ª reencarnação seria entronizada por lamas mongóis, que também seriam responsáveis pela educação da criança.⁹⁰

Na diplomacia da Índia com a Mongólia, o budismo sempre foi um elemento importante, e a Índia desempenhou um papel significativo na proteção do budismo e na facilitação das conexões com o Dalai Lama durante a era comunista. Em maio de 2015, Narendra Modi tornou-se o primeiro primeiro-ministro indiano a visitar a Mongólia, onde enfatizou a conexão budista partilhada da Mongólia, fazendo uma apresentação simbólica no Mosteiro Gandantegchinlen de um rebento da árvore bodhi de Bodh Gaya, onde o Buda alcançou a iluminação.

No entanto, a influência económica, incluindo vastos empréstimos através da “Iniciativa Um Cinturão, uma Rota” de Xi Jinping, empurrou a Mongólia para um grande endividamento para com a China.⁹¹ Estas dívidas são ainda agravadas por um programa de propaganda cultural, como a criação dos Institutos Confúcio, emissões de rádio, televisão e centros culturais.

Num preocupante recente desenvolvimento, o conhecido escritor mongol, jornalista e ativista dos direitos humanos, Munkhbayar, um firme opositor da estreita ligação do país com a China, foi preso em março de 2022. Munkhbayar organizou seminários e atividades para protestar contra as violações dos direitos humanos na China e também pediu a renúncia do primeiro-ministro mongol, Luvsannamsrain Oyun-Erdene, devido aos seus supostos estreitos laços com a China.⁹²

Grupo pró-China usado para fragilizar o Dalai Lama

Protestos contra o Dalai Lama no Ocidente

Por volta de 1996-7, membros de um grupo sectário chamado Comunidade Internacional Shugden – que alguns dos seus antigos praticantes descrevem como um culto – começaram a perseguir o Dalai Lama por onde viajava, realizando demonstrações ruidosas e agressivas contra os seus ensinamentos nos EUA, Austrália e Europa.⁹³

A polícia de vários países apurou que um grupo de pessoas pertencentes à Comunidade Shugden, tanto ocidentais como tibetanas, tinha efetivamente “perseguido” o Dalai Lama nas suas viagens e procurado fazer check-in nos mesmos hotéis e encontrar pontos de entrada e saída nos locais dos eventos.

Em 2016, a Comunidade Internacional Shugden cancelou as manifestações e dissolveu-se após uma reportagem da Reuters ter revelado que a seita era apoiada pelo Partido Comunista.⁹⁴ Em 2014, foi distribuído um documento interno do Partido Comunista às autoridades chinesas. O documento interno descrevia a questão de Shugden como “uma frente importante na nossa luta contra a camarilha do Dalai”.⁹⁵

Um monge tibetano chamado Lama Tseta, que foi proeminente na organização Shugden em Delhi e que mais tarde se tornou um denunciante, disse: “Os chineses estão a usá-los [seguidores de Shugden] como uma ferramenta para fazer o Dalai Lama parecer falso, para alcançar os seus próprios fins, para minar o budismo tibetano e para fragmentar a sociedade tibetana.”⁹⁶

Pequim recorreu ainda a táticas de longo prazo dentro do Tibete, promovendo o culto de Shugden como parte de uma campanha ideológica e política sistemática para minar o Dalai Lama. As autoridades chinesas convencem as pessoas tibetanas a propiciar Shugden usando incentivos financeiros.⁹⁷

“Os chineses estão a usá-los [seguidores de Shugden] como uma ferramenta para fazer o Dalai Lama parecer falso, para atingir os seus próprios fins, minar o budismo tibetano e fragmentar a sociedade tibetana.”

Em alguns casos, pequenos mosteiros ligados a Shugden tiveram grandes quantidades de financiamento por parte do governo chinês em comparação com mosteiros maiores com uma população maior de monges onde Shugden não é propiciado. Além disso, estátuas de Shugden foram amplamente instaladas em mosteiros em diferentes partes do Tibete, muitas vezes contra a vontade dos monges residentes.

Esta estratégia representa um dos elementos-chave das políticas de Pequim destinadas a dividir as comunidades religiosas e laicas ao longo desta linha sectária.

À medida que a China aperta o seu controlo sobre o processo de reencarnação, tanto dentro quanto fora do Tibete, o grupo Shugden intensificou as suas atividades na Mongólia, alterando a política mongol e servindo como uma frente para os interesses políticos e comerciais chineses.

Na Índia, a China tem usado os partidários de Shugden na sua expansão de influência, procurando cultivar lealdades em mosteiros específicos que podem ser chamados a apoiar o candidato chinês a Dalai Lama no futuro.

Analistas indianos notam a possibilidade, até mesmo a probabilidade, de um Dalai Lama chinês emergir das fileiras de seguidores de Shugden. Também apontam para o perigo de alguns detentores de linhagem sénior exilados permanecerem neutros, o que será benéfico para as autoridades chinesas.

Uma dessas figuras alinhadas com o movimento Shugden é Kundeling, com sede na Índia, conhecido como “Nga Lama” entre os tibetanos, que significa “eu lama”, uma referência ao seu autoproclamado estatuto, embora não tenha sido formalmente reconhecido como a reencarnação de Kundeling Rinpoche.

No auge da repressão devastadora dos protestos em todo o Tibete em 2008, os apoiantes de Shugden deram uma conferência de imprensa na qual “Nga Lama” descreveu o Dalai Lama como um “peão dos serviços secretos dos EUA”. Isto constituiu um apoio útil à luta política de Pequim contra o Dalai Lama, numa altura em que as pessoas tibetanas de todo o mundo protestavam contra os Jogos Olímpicos de Pequim e lamentavam os/as tibetanos/as mortos/as pelas forças de segurança em todo o planalto.

Securitização no Nepal

A titularização do Tibete pela China, baseada na equiparação do controlo do Tibete à “segurança nacional” de todo o país, foi alargada ao Nepal com as suas ligações religiosas, culturais e comerciais seculares. Com a sua rica herança budista, incluindo a stupa de Boudhanath, o local de nascimento de Buda em Lumbini, os seus antigos templos e cavernas onde os iogues tibetanos meditavam, o Nepal tornou-se agora um local para a repressão transnacional da RPC contra os/as tibetanos/as.

Os esforços de Pequim para controlar o Nepal têm sido evidentes, particularmente desde que o Nepal aderiu formalmente à “Iniciativa Cinturão e Rota” em 2017, uma adesão que veio com promessas de milhões de dólares de investimento chinês em infraestruturas e projetos nepaleses.⁹⁸

Em 2019, uma visita de Xi Jinping a Katmandu selou laços formais, e surgiram notícias da exportação do “pensamento de Xi Jinping” para o povo nepalês sob o anterior governo unificado do Partido Comunista do Nepal. Foi relatado que funcionários e líderes nepaleses, incluindo o ex-primeiro-ministro Oli, foram sujeitos à “educação” sobre os pronunciamentos do líder supremo chinês, provocando profundo desconforto sobre a soberania e independência judicial da nação.⁹⁹

A correlação direta entre o aprofundamento do investimento e da ajuda da China e as vulnerabilidades dos/as tibetanos/as no Nepal tem sido há muito reconhecida por Pequim, que descreveu o seu investimento como uma recompensa para o Nepal pelo seu “importante papel na defesa dos/as separatistas tibetanos/as”.¹⁰⁰

No passado, a China pressionou o governo nepalês a deslegitimar a comunidade tibetana no Nepal. A partir de 1994, o Nepal deixou de emitir ou renovar cartões de identificação de refugiados/as a pessoas tibetanas, e o Gabinete do Dalai Lama e o gabinete de assistência social tibetano foram forçados a encerrar, em 2005. Durante muitos anos, os protestos pacíficos dos/as tibetanos/as foram reprimidos pelas autoridades nepalesas e as reuniões culturais e religiosas foram rotuladas como “antichinesas” e proibidas.¹⁰¹

Com a eleição do ministro SherBahadur Deuba em 2021, parece ter havido um afrouxamento das restrições às reuniões tibetanas, incluindo mais recentemente para o aniversário do Dalai Lama, em 6 de julho de 2022.¹⁰²

A questão acerca de uma resposta internacional adequada ao escalar da repressão da China sobre o direito à liberdade religiosa no Tibete coloca-se num momento em que a RPC alarga cada vez mais a sua repressão transnacional para além das suas fronteiras.

Gerar uma Resposta Internacional

É crucial que os governos mundiais desenvolvam uma preparação muito mais forte e uma coordenação multilateral para antecipar o que está para vir.

Elaborar legislação que afirme que a sucessão do Dalai Lama é estritamente da competência dos/as tibetanos/as, da comunidade budista tibetana e, em particular, do Dalai Lama e do seu gabinete do Gaden Phodrang Trust. É urgentemente necessária uma oposição clara à interferência da China no processo de sucessão.¹⁰³

Para o fazer eficazmente, cada país deve, em primeiro lugar, determinar que a questão da sucessão do Dalai Lama e do reconhecimento de um Dalai Lama legítimo escolhido pelo Tibete é uma questão de importância global e está diretamente ligada à própria sobrevivência do património religioso e cultural do Tibete.

A autoridade do Dalai Lama sobre a sua própria sucessão e o futuro do budismo tibetano é cada vez mais reconhecida e afirmada publicamente pelos governos.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: A questão foi abordada nos EUA com a Lei de Política e Apoio ao Tibete (dezembro de 2020) que afirma que a decisão sobre a reencarnação do Dalai Lama pertence ao sistema budista tibetano, ao Dalai Lama e a outros líderes tibetanos, e não a qualquer governo.

A Lei de Política e Apoio ao Tibete torna política oficial dos EUA considerar que a sucessão do Dalai Lama é uma questão estritamente religiosa que só pode ser decidida pelo Dalai Lama e pela comunidade budista tibetana.¹⁰⁴ De acordo com a lei, se os líderes chineses tentarem identificar um futuro Dalai Lama, enfrentarão sanções que podem incluir o congelamento dos seus bens e a recusa da sua entrada nos EUA. O Departamento de Estado também está encarregado de trabalhar com países, em todo o mundo, que pensam da mesma forma para repelir os planos da China de instalar o seu próprio Dalai Lama impostor. A legislação reforça o marco que foi a Lei de Política Tibetana de 2002.¹⁰⁵

Dois projetos de lei aprovados no Congresso e no Senado dos EUA em fevereiro de 2022 e julho de 2021, respetivamente, reafirmam a política dos EUA em relação à sucessão ou reencarnação do Dalai Lama, bem como à liberdade religiosa de budistas tibetanos/as. Nos termos da Sec 3307 da Lei de Inovação e Concorrência dos EUA, a lei reafirma que qualquer “interferência do Governo da República Popular da China ou de qualquer outro governo no processo de reconhecimento de um sucessor ou reencarnação do 14.º Dalai Lama e de qualquer futuro Dalai Lama representaria um claro abuso do direito à liberdade religiosa de budistas tibetanos/as e do povo tibetano”.

UNIÃO EUROPEIA: Embora nenhum Estado-Membro europeu tenha ainda desenvolvido legislação semelhante, a UE reafirmou a sua posição de que a China deve respeitar a sucessão do 14.º Dalai Lama de acordo com a tradição budista tibetana.¹⁰⁶

Numa resposta escrita a uma pergunta de vários deputados do Parlamento Europeu, Josep Borrell, Chefe da UE para os Negócios Estrangeiros e Vice-Presidente da Comissão Europeia, declarou: “A União Europeia tem indicado consistentemente que espera que a China respeite a sucessão do Dalai Lama, de acordo com os padrões budistas tibetanos. Esta posição foi igualmente recordada na reunião anterior, de 1 de abril de 2019. A União Europeia continuará a manifestar a sua posição sobre esta questão.”¹⁰⁷

As orientações da UE sobre a promoção e defesa da liberdade de religião ou de crença estabelecem que as comunidades têm o direito de praticar “atos, por grupos religiosos, que façam parte integrante da conduta dos seus assuntos básicos”. Estes direitos incluem, mas não se limitam a, personalidade jurídica e não ingerência nos assuntos internos, incluindo o direito (...) de selecionar e formar dirigentes (...).¹⁰⁸

BÉLGICA: Em janeiro de 2020, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Bélgica também afirmou que cabe à comunidade religiosa tibetana selecionar o futuro Dalai Lama, rejeitando os esforços da China. O ministro belga dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, Philippe Goffin, afirmou: “Cabe logicamente à comunidade religiosa tibetana designar o seu sucessor sem interferência das autoridades temporais”.¹⁰⁹

PAÍSES BAIXOS: Da mesma forma, em carta oficial datada de final de 2019, o ministro holandês dos Negócios Estrangeiros, Stef Blok, disse: “A posição deste gabinete é que cabe à própria comunidade religiosa tibetana nomear um futuro sucessor para o Dalai Lama”.¹¹⁰

ALEMANHA: Em março de 2020, o ministro de Estado alemão no Ministério Federal das Relações Exteriores, Niels Annen, divulgou um comunicado dizendo: “O governo federal é da opinião de que as comunidades religiosas podem regular os seus assuntos de forma autónoma”. Annen acrescentou: “Isso inclui o direito de determinar os seus próprios líderes religiosos”.¹¹¹

ÍNDIA: Os/As comentadores/as indianos/as destacam a importância da posição da Índia sobre o Dalai Lama e o Tibete no contexto de vários fatores: a grande população tibetana exilada da Índia, a revitalização da sua herança budista¹¹² e os esforços da Índia para estabilizar o conflito fronteiriço com a China.

Citando as saudações públicas do primeiro-ministro indiano Modi ao Dalai Lama no seu aniversário em 2022 e 2021,¹¹³ vários/as analistas apontam para a necessidade de uma revisão urgente da política da Índia e defendem que a Índia seja mais franca sobre a importância de manter a integridade da sucessão do Dalai Lama.

Recomendações aos Governos:

- Desenvolver legislação – como a Lei de Política e Apoio Tibetano dos EUA de 2020 – que¹¹⁴ reconheça que a identificação e instalação de líderes budistas tibetanos, incluindo qualquer futuro Dalai Lama, deve ser da exclusiva decisão dos budistas tibetanos, sem interferência do governo chinês.
- Desenvolver uma posição pública para afirmar o apoio ao 14.º Dalai Lama como autoridade legítima na sua sucessão e opor-se a qualquer esforço do Governo da República Popular da China para selecionar e nomear líderes religiosos budistas tibetanos.
- Tomar medidas enérgicas e coordenadas com governos semelhantes para adotar resoluções e declarações conjuntas em fóruns multilaterais que reconheçam que a seleção de líderes religiosos budistas tibetanos deva ser determinada exclusivamente pelo Dalai Lama e pela comunidade budista tibetana, em conformidade com o direito internacional dos direitos humanos.
- Exortar as autoridades chinesas a alterar ou revogar imediatamente, os Regulamentos de Assuntos Religiosos de 2017, incluindo o Artigo 36, que exige que a sucessão de Budas vivos no budismo tibetano seja aprovada pelo PCC.
- Revogar ou alterar outras leis e políticas que violam o direito do povo tibetano à liberdade de religião ou crença, incluindo as “Medidas sobre a Gestão da Reencarnação dos Budas Vivos no Budismo Tibetano”, que exigem aprovação do Estado chinês para as reencarnações do budismo tibetano, e declarar qualquer reconhecimento fora da China como ilegal, num esforço para invalidar as linhagens reencarnatórias.
- Exortar as autoridades chinesas a fornecerem provas do paradeiro e do bem-estar de Gedhun Choekyi Nyima, o 11.º Panchen Lama do Tibete, e apelar a que seja concedido acesso imediato a um/uma monitor/a independente para corroborar a sua situação e a medida em que é capaz de gozar e exercer os seus direitos.
- Recusar apoiar o candidato chinês a Panchen Lama, Gyaltzen Norbu.
- Estabelecer um/a Coordenador/a Especial para o Tibete, um/a Conselheiro/a Político/a de Alto Nível para o Tibete, um/a Oficial de Ligação para o Tibete ou um gabinete para o Tibete, a fim de responder de forma significativa à situação urgente no Tibete.
- Oferecer apoio bilateral ao Governo da Índia sobre a questão da sucessão do Dalai Lama e proteção da Administração Central Tibetana e das instituições culturais e religiosas tibetanas na Índia.
- Desenvolver uma posição de apoio à Mongólia e proteger a sua democracia, as suas instituições budistas e o seu líder espiritual Jetsun Dhamba Khutuktu da interferência externa.
- Instar as autoridades chinesas a ratificarem imediatamente a Convenção Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos.
- Exortar as autoridades chinesas a concederem acesso imediato, significativo e irrestrito ao Relator Especial das Nações Unidas sobre Liberdade de Religião ou Crença.
- Reafirmar o direito do povo tibetano à liberdade de expressão, incluindo a defesa pacífica do seu direito à autodeterminação.
- Aproveitar a influência dos Estados-Membros para pressionar as autoridades chinesas a porem termo às detenções arbitrárias, perseguições, torturas e todas as outras violações sistematicamente levadas a cabo contra figuras religiosas tibetanas, críticos/as, ativistas, defensores/as dos direitos humanos e todos/as aqueles/as que exercem pacificamente os seus direitos culturais e religiosos.

Apêndice

Papéis individuais na sucessão do Dalai Lama pela China

É provável que os seguintes indivíduos – identificados pelo historiador Claude Arpi – desempenhem um papel, seja ele fundamental ou menor, em qualquer processo sucessório futuro, por exemplo, na aprovação de um candidato ou no apoio público ao processo. O chinês Panchen Lama Gyaltsen Norbu não está incluído na lista infra, uma vez que o seu papel na questão da sucessão é abordado noutra parte deste documento.¹¹⁵

Sonam Phuntsog, o 7.º Reting Rinpoche:

Em 2000, monges do Mosteiro de Reting protestaram¹¹⁶ quando a China entronizou Sonam Phuntsog como a 7ª reencarnação de Reting. O 14.º Dalai Lama não aprovou nem apoiou a escolha da China.

Reting Rinpoche é uma das reencarnações de alto escalão habilitadas a administrar o Tibete durante a ausência ou minoria dos Dalai Lamas. Reencarnações anteriores de Reting também reconheceram outros lamas reencarnados, nomeadamente o 9.º Jetsun Dhampa, patriarca espiritual da Mongólia, em 1933.

O 5.º Reting Rinpoche atuou como regente do Tibete após a morte do 13.º Dalai Lama, e desempenhou um papel de liderança na busca do 14.º Dalai Lama.

Dada a estreita relação histórica entre Reting Rinpoche e o Dalai Lama e a importância simbólica da reencarnação, é provável que o Reting instalado na China seja chamado a assumir um papel político simbolicamente importante em qualquer processo de sucessão.

Em janeiro de 2013, a China fez do atual Reting o membro mais jovem do Tibete na Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC). Depois disso, o adolescente disse ao China Daily que iria “manter a linhagem Reting do patriotismo e o amor pela religião”.¹¹⁷ Numa reunião, em janeiro de 2022, ele enfatizou a importância da sinicização e falou sobre “orientar a maioria dos monges para construir efetivamente a consciência nacional chinesa”.¹¹⁸

Amchok (Achok) Rinpoche:

Amchok Rinpoche, antigo membro sénior do Governo tibetano no exílio, regressou ao Tibete em 2015 e anunciou que se tinha tornado cidadão chinês.

Nascido em 1944, ele escapou para o exílio em 1959 e trabalhou como diretor da Biblioteca de Obras e Arquivos Tibetanos, com sede em Dharamsala.¹¹⁹ Ele voltou pela primeira vez à China em 1982, como parte de um esforço do Departamento de Trabalho da Frente Unida para se envolver com tibetanos exilados, de acordo com um site da imprensa estatal. Após regressar, em 2015, o jornal estatal The Global Times anunciou que, ao fazê-lo, tinha “desdenhado” do Dalai Lama. Os/As tibetanos/as compreendem que o regresso de Amchok Rinpoche não significa nada disso e que ele e outros que tomam a decisão de regressar a casa podem desempenhar um papel importante na continuidade religiosa e cultural.¹²⁰

Em 1987, Amchok Rinpoche viveu e ensinou durante um ano no instituto de lamas reencarnados em Pequim, fundado pelo 10.º Panchen Lama.

Phagpalha Gelek Namgyal

Como reencarnação do lama chefe do Mosteiro de Jampaling, Phagpalha foi um dos primeiros tibetanos a juntar-se ao Partido Comunista logo após a China ter invadido o Tibete. É um dos membros seniores da ‘Camarilha de Chamdo’ e é também conhecido como Chamdo Phagpalha.

Phagpalha é o Vice-Presidente do 13.º Comité Nacional da CCPPC e é também o presidente honorário da Associação Budista da China, bem como o presidente do Comité Regional Autónomo do Tibete da CCPPC. Ele nasceu em fevereiro de 1940 em Lithang (Chi: Litang) na prefeitura autónoma tibetana de Kardze da província de Sichuan.

Outros altos funcionários de Chamdo incluem Lobsang Gyaltzen, o chefe do Governo da RAT e membro do Comité Central, Jampa Phuntsok, um Vice-Presidente do Congresso Nacional do Povo, e Pema Choling (Padma Choling), o Presidente do Congresso do Povo da RAT e o único tibetano étnico que era membro de pleno direito no 18.º Comité Central do PCC.

De acordo com o historiador e analista Claude Arpi, há rumores de que Phagpala, Jampa Phuntsok e Padma Choling apoiam Shugden, um espírito contra o qual o Dalai Lama alertou.¹²¹

Drupkhang Thubten Khedrup

(Traduzido em chinês como Trukang Thupden Keldro ou Zhukang Tubdankezhub)

Dirige o instituto de treino de tulkus em Lhasa e tem sido um crítico proeminente do Dalai Lama.

Nascido em 1955 em Nagchu, U-Tsang (chinês: Naqu, RAT), ocupa vários cargos oficiais, incluindo Vice-Presidente da Conferência Consultiva Política da RAT e Vice-Presidente da Associação Budista da China.

Drupkhang Thubten Khedrup esteve presente numa reunião para a preparação das celebrações do 70.º aniversário do Partido Comunista, em 2019, que sublinhou a necessidade de não só os monges, mas todos os tibetanos “traçarem conscientemente uma linha clara com o 14.º Dalai Lama e a camarilha do Dalai e resistirem resolutamente às várias atividades da camarilha do Dalai.”

Lhodro Gyatso Rinpoche

(Traduzido em chinês como Pandian Dunyu)

Juntamente com Drupkhang, Lhodro Gyatso é conhecido como o braço direito do Panchen Lama instalado pela China, Gyaltzen Norbu. É membro do Comité Diretor para Títulos Académicos Avançados do Budismo Tibetano e vice-presidente da Associação Budista de Shigatse. Em 2021, participou numa reunião da Associação Budista da China em Lhasa, presidida pelo Panchen Lama da China. Foi membro do 13.º Comité Nacional da CCPPC em 2018.¹²²

Metodologia

A investigação independente é quase impossível no Tibete devido às atuais restrições e condições no país. As autoridades chinesas não permitem o acesso de investigadores/as estrangeiros/as, exceto em casos extremamente raros, e apenas em assuntos que não sejam sensíveis ou suscetíveis de produzir conclusões críticas ao governo.

O Tibete está listado como o país menos livre do mundo, juntamente com a Síria e o Sudão do Sul.¹²³ Embora o Partido Comunista Chinês retrate o Tibete como “aberto”, armadilhou o seu acesso, e negar o acesso é cada vez mais usado como uma ferramenta poderosa para calar as críticas de académicos/as, jornalistas, especialistas independentes e diplomatas estrangeiros/as. A RPC é classificada como um dos piores países do mundo em matéria de liberdade de imprensa.

Os/As tibetanos/as enfrentam sérios perigos, incluindo a detenção e a tortura, mesmo se forem suspeitos/as de comunicar acerca da situação política e social no Tibete, quer às pessoas no Tibete, quer às pessoas de fora. Os perigos e dificuldades de comunicação via aplicações como o WeChat foram bem documentados; os conteúdos relacionados com o Tibete são alvo de censura no WeChat, e há casos de tibetanos/as detidos/as por partilharem mensagens de chat, músicas e fotografias no WeChat com conteúdos relacionados com o Dalai Lama e a cultura tibetana que as autoridades chinesas alegaram ser “anti-chineses”. Os/As chineses/as étnicos/as também enfrentam riscos se comunicarem sobre temas politicamente sensíveis, particularmente com pessoas estrangeiras ou ONGs.

Tendo em conta estes perigos, este relatório baseia-se numa combinação de investigação e tradução de artigos académicos chineses e artigos dos meios de comunicação estatais, bem como conversas com pessoas tibetanas bem informadas fora da RPC. As identidades dos/as académicos/as tibetanos/as, quer na RPC, quer com famílias ou parentes ainda na RPC, foram ocultadas mediante pedido. Uma variedade de fontes oficiais em chinês e tibetano, incluindo sites provinciais, municipais e nacionais, meios de comunicação estatais e canais de notícias on-line foram estudados. Obtivemos vários trabalhos de investigação de académicos/as chineses/as em instituições estatais da RPC, que não estão todos disponíveis publicamente.

A fim de contextualizar esta informação e compreender termos específicos do Partido Comunista, trabalhamos com investigadores/as tibetanos/as trilingues e com fontes informadas (tibetanas e outras) no exílio. Monásticos tibetanos seniores e Rinpoches também foram consultados para garantir uma compreensão dos protocolos religiosos, somos gratos/as pelo seu tempo e assistência.

Notas

All links working at date of publication, 4 October 2023.

- ¹ Disponível em https://www.chinadaily.com.cn/china/2011-03/07/content_12131293.html
- ² «Dalai Lama mantém um controlo firme sobre as rédeas da sucessão», New York Times, 5 de outubro de 2011, <https://www.nytimes.com/2011/10/06/world/asia/06iht-letter06.html>
- ³ Para mais detalhes sobre a política atual, ver o relatório da Tibet Advocacy Coalition, “Assaulting Identity”, <https://tibetadvocacy.org/2021-tibet-report/>
- ⁴ A cidade de Shannan realiza uma reunião sobre a organização e implantação das atividades de prática educacional de ‘cumprimento dos quatro padrões e esforço para ser monges e monjas avançados/as’ em 2020’, Departamento de Trabalho da Frente Unida do Comité Municipal do Partido de Shannan, 14 de abril de 2020, Também <http://www.lasariabao.com/lrsrbzw/pc/content/201809/06/c44947.html> – Arquivado em – <https://web.archive.org/web/20211215135448/http://www.lasariabao.com/lrsrbzw/pc/content/201809/06/c44947.html> e ainda http://epaper.chinatibetnews.com/xzrbzw/202111/22/content_112301.html Arquivado em https://web.archive.org/web/20211215135449/http://epaper.chinatibetnews.com/xzrbzw/202111/22/content_112301.html
- ⁵ «Prisioneiro político tibetano morre ferido por espancamento grave», Tibet Watch, 29 de abril de 2020, <https://www.tibetwatch.org/news/2020/4/29/tibetan-political-prisoner-dies-of-injuries-from-severe-beating>
- ⁶ Na China, artigos de académicos em institutos administrados pelo Partido tendem a informar acerca do desenvolvimento de políticas e podem dar um aviso importante sobre medidas duras que estão para vir. Os dois documentos citados neste briefing, obtidos a partir da RPC, são de Wang Jiaquan, da Xinhua, enquanto que o segundo é de Wang Yanmin e publicado pela Universidade de Segurança Pública da China, em Pequim: 1. Escapar a uma situação: reflexões sobre as oportunidades e considerações para comunicação sobre o Tibete na “era pós-Dalai”, da autoria de Wang Jiaquan, Agência de Notícias Xinhua, apresentou o documento numa conferência em 2009: https://tibetnetwork.org/free1/wp-content/uploads/2022/08/Escaping-a-predicament_-_thoughts-on-the-opportunities-and-considerations-for-communicating-on-Tibet-in-the-post-Dalai-era.pdf 2. «New changes and countermeasures against Tibet independence splittist activities in the post-Dalai era» (Novas mudanças e contramedidas contra as atividades separatistas pela independência do Tibete na era pós-Dalai), da autoria de Wang Yanmin e publicado em 2017 pela Universidade de Segurança Pública da China, em 7 de abril de 2017: <https://tibetnetwork.org/free1/wp-content/uploads/2022/08/New-changes-and-countermeasures-against-Tibet-independence-splittist-activities-in-the-post-Dalai-era.pdf>
- ⁷ <https://tibet.net/about-cta/>
- ⁸ Wang Yanmin faz uma distinção entre a “era pós-Dalai”, que é o momento presente, enquanto o Dalai Lama está vivo e entregou o poder político à Administração Central Tibetana (ACT), e o “pós era Dalai”, que se refere ao período após a sua morte. O autor dá a entender que a devolução do poder político do Dalai Lama a uma democracia no exílio é encarado como uma força em vez de fraqueza quando se refere à “estratégia da camarilha Dalai de ‘avançar através da retirada””, <https://tibetnetwork.org/free1/wp-content/uploads/2022/08/New-changes-and-countermeasures-against-Tibet-independence-splittist-activities-in-the-post-Dalai-era.pdf>
- ⁹ Ibid, 6
- ¹⁰ https://tibetnetwork.org/free1/wp-content/uploads/2022/08/Escaping-a-predicament_-_thoughts-on-the-opportunities-and-considerations-for-communicating-on-Tibet-in-the-post-Dalai-era.pdf
- ¹¹ <https://tibetnetwork.org/free1/wp-content/uploads/2022/08/New-changes-and-countermeasures-against-Tibet-independence-splittist-activities-in-the-post-Dalai-era.pdf>
- ¹² Ibid
- ¹³ Ibid 8
- ¹⁴ Uma fonte do Tibete foi citada dizendo que este grupo foi convocado em 12 janeiro 2021, em artigo publicado no Economics, Politics and Public Policy in East Asia and the Pacific em 31 de março de 2021, <https://www.eastasiaforum.org/2021/03/31/tibetans-in-exile-facing-new-challenges/>
- ¹⁵ O governo emergente deste sistema foi denominado Gaden Phodrang (do nome da residência do Dalai Lama no mosteiro de Drepung), e foi fortalecido por uma expansão através do planalto do monasticismo Gelugpa, ou Chapéu Amarelo, escola do budismo tibetano à qual pertence o Dalai Lama. Após a devolução da sua autoridade política, o Governo do Gaden Phodrang deixou de existir.
- ¹⁶ O Gaden Phodrang Trust: <https://www.dalailama.com/office/the-dalai-lama-trust>
- ¹⁷ A declaração, feita em 24 de setembro de 2011, está no site eletrónico do Dalai Lama em <https://www.dalailama.com/the-dalai-lama/biography-and-daily-life/reincarnation>
- ¹⁸ Revista Time, ‘Uma conversa com o Dalai Lama’, Alex Perry, 18 outubro 2004.”A aplicação de vários métodos inadequados para reconhecer reencarnações com o objetivo de erradicar as nossas tradições culturais tibetanas únicas está a causar danos que serão difíceis de reparar.”
- ¹⁹ Em 2007, o 14.º Dalai Lama declarou que o próximo Dalai Lama poderia ser uma mulher, observando: “Se uma mulher se revelar mais útil, o lama poderia muito bem reencarnar dessa forma.” The Telegraph, Londres, “Dalai Lama diz que sucessor pode ser mulher”, Richard Spencer, 7 de dezembro de 2001. O Dalai Lama tem falado frequentemente sobre a importância das mulheres na liderança, afirmando que a cultura tibetana, que se baseia principalmente no budismo tibetano considera todos os seres sencientes como iguais, incluindo homens e mulheres. Sob a liderança do Dalai Lama, pela primeira vez, as monjas budistas tibetanas no exílio podem estudar para obter um grau de Geshema, comparável a um doutoramento em filosofia budista. O primeiro grupo a fazê-lo qualificou-se em 2016.
- ²⁰ Entrevista com a agência de notícias japonesa Nikkei e outros jornalistas em Dharamsala, relatada por Yuji Kuronuma em 5 de novembro de 2018, <https://asia.nikkei.com/Editor-s-Picks/Interview/Dalai-Lama-says-high-priests-to-discuss-adult-successor>. O Dalai Lama cita um

professor e acadêmico tibetano do século XIX, Jamyang Khyentse Wangpo, quando faz esta distinção: “Reencarnação é o que acontece quando alguém renasce após o falecimento do antecessor; emanação é quando as manifestações ocorrem sem que a fonte faleça.” A ênfase do Dalai Lama indica que ele poderia optar por «emanar» noutra pessoa antes da sua morte, escolhendo assim expressamente o/a seu/sua sucessor/a. A declaração também diz que, “Alternativamente, é possível que o Lama nomeie um sucessor que seja seu discípulo ou alguém jovem que deva ser reconhecido como a sua emanação.”

- 21 <https://savetibet.org/tibetan-self-immolations/>
- 22 <https://www.dalailama.com/news/2006/tibetans-burn-wild-animal-skins-in-tibet-to-encourage-wildlife-preservation>
- 23 <https://tibet.net/14th-tibetan-religious-conference-affirms-the-dalai-lamas-sole-authority-in-his-reincarnation-illigitimises-chinas-meddling-in-religious-affairs/>
- 24 <https://tibet.net/3rd-special-general-meeting-vehemently-rejects-chinas-interference-in-tibetan-reincarnation/>
- 25 O Dalai Lama falou em junho de 2020 com Justin Rowlatt, que cita o Dalai Lama dizendo que “os budistas Himalaicos do Tibete e da Mongólia decidirão o que acontecerá a seguir”, 13 de junho de 2020, <https://www.bbc.co.uk/news/stories-53028343>
- 26 O documento, conhecido como “petição de 70.000 caracteres”, foi publicado pela Tibet Information Network em Londres (agora encerrada) em 1997, em tradução inglesa.
- 27 A Administração Central Tibetana (ACT), com sede em Dharamsala, citou uma mensagem de áudio de um tibetano não identificado, funcionário da Bhojong Nangten Thuntsok (Associação de Budismo Tibetano) como dizendo que “Jadrel (Chadrel) Rinpoche está morto”. “Alguns dizem que Jadrel Rinpoche foi envenenado até a morte”, continuou o relato. Publicado por Phayul, 24 novembro, 2011, <http://www.phayul.com/2011/11/24/30415/>
- 28 Relatório da Human Rights Watch, 21 de maio de 2019, <https://www.hrw.org/news/2019/05/21/china-free-tibetans-unjustly-imprisoned>
- 29 ‘Tibete assinala o aniversário da entronização de Panchen Lama, 8 de dezembro de 2005, publicado no estudo de John Powers acerca da propaganda chinesa sobre o budismo, “The Buddha Party”, Oxford University Press, 2017.
- 30 [uma campanha partidária, que efetivamente significa a importância central da lealdade ao PCC por parte de todos os praticantes religiosos https://www.voanews.com/a/east-asia-pacific_voa-news-china_new-chinese-decree-tells-religious-leaders-support-communist-party/6205013.html
- 31 <https://www.nytimes.com/2010/03/02/world/asia/02tibet.html>
- 32 WCTB 中国佛协藏传佛教工作委员会, Zhongguo Foxie Zangchuan Fojiao Gongzuo Weiyuanhui.
- 33 China Tibet Online, 7 de agosto de 2019, http://eng.tibet.cn/eng/news/tibetan/201908/t20190807_6656885.html
- 34 Isto foi sinalizado aquando da sua chegada a Lhasa em junho de 2019, quando a imprensa estatal relatou: “Em 11 de junho, o Panchen Erdeni Choskyi Gyalpo, membro do Comité Permanente do Comité Nacional da Conferência Consultativa Política do Povo Chinês e vice-presidente da Associação Budista da China, chegou a Lhasa de avião para realizar pesquisas e atividades budistas.” China Tibet Online, 28 de junho de 2019, http://eng.tibet.cn/eng/news/tibetan/201906/t20190628_6623271.html
- 35 China Tibet News online em chinês, 28 de agosto de 2018, <http://www.xztzb.gov.cn/news/1535419327828.shtml>
- 36 Relatório da International Campaign for Tibet “Blue Gold from the Highest Plateau: Tibet’s water and global climate change” (Ouro azul do planalto mais alto: a água do Tibete e as alterações climáticas globais), <https://savetibet.org/new-report-reveals-global-significance-of-tibet/>
- 37 Xinhua, 20 de agosto de 2018, http://eng.tibet.cn/eng/news/tibetan/201808/t20180820_6189684.html , citado no relatório da International Campaign for Tibet, 11 de setembro de 2018, <https://savetibet.org/china-tightens-screws-on-tibetan-buddhism/>
- 38 Robert Barnett, ‘Autenticidade, segredo e espaço público: Chen Kuyuan e Representações da disputa da reencarnação do Panchen Lama de 1995’, 2008, in Tibetan Modernities: Notes from the Field on Cultural and Social Change, editado por Robert Barnett e Ronald Schwarz, 353-421. Leiden: E.J.Brill.
- 39 China Daily, 26 de abril de 2012 https://www.chinadaily.com.cn/china/2012-04/26/content_15144030.htm
- 40 Os outros três membros do Politburo eram Yu Zhengsheng do Comité Permanente, Sun Chunlan, o então chefe do DTFU e Li Zhanshu, diretor do Gabinete Geral do Partido; também estava presente Jampa Phuntsok (na época, o tibetano mais velho do Partido). Ver blog de Claude Arpi, 10 junho, 2015, <https://claudearpi.blogspot.com/2015/06/hot-summer-on-tibetan-plateau.html>
- 41 Relatório da International Campaign for Tibet, “Budista mais famoso do mundo na lista negra do primeiro fórum budista internacional da China ateia”, 13 de abril de 2006.
- 42 <https://tibet.net/reports-of-chinese-panchen-lama-visit-to-nepal-a-political-gimmick-penpa/>
- 43 Em maio de 2019, Gyaltzen Norbu realizou a sua primeira viagem à Tailândia, <https://tibetpolicy.net/beijing-quietly-building-gyaltzen-norbus-spiritual-resume/>
- 44 Tradução de regulamentos pela International Campaign for Tibet em: <https://savetibet.org/new-measures-on-reincarnation-reveal-partys-objectives-of-political-control/> e <https://www.cecc.gov/resources/legal-provisions/measures-on-the-management-of-the-reincarnation-of-living-buddhas-in-0>
- 45 Global Times, 25 de agosto de 2019, <http://www.globaltimes.cn/content/1162625.shtml>
- 46 Global Times, 29 de abril de 2016, <http://www.globaltimes.cn/content/980724.shtml>
- 47 <https://www.cngold.com.cn/20160429d1903n68999550.html>, 1 de janeiro de 2016.
- 48 Livro Branco Chinês, lançado em 21 de maio de 2021: http://www.xinhuanet.com/english/2021-05/21/c_139959978.htm

- ⁴⁹ No início de 2021, a Associação Budista Chinesa de Sichuan publicou uma lista de 411 lamas reencarnados oficialmente aprovados na província, afirmando que as entradas incluíam 119 Budas vivos reencarnados em Ngaba, Amdo (chinês: Aba, Prefeitura Autônoma Tibetana e de Qiang); 291 Budas vivos em Kardze, Kham (chinês: Ganzi, RAT) e um no Condado Autônomo Tibetano de Muli. A lista completa está disponível em: <http://www.sctyzyx.gov.cn/sczcfjhfm/> e também consta de um site do governo de Sichuan em 5 de fevereiro de 2021, <http://www.sichuanpeace.gov.cn/sfzjzs/20210205/2384974.html>
- ⁵⁰ O governo chinês não emitiu declarações fortes condenando as partidas de Arjia Rinpoche e do Karmapa, mesmo após ambos terem expressado no exílio as suas preocupações com a falta de liberdade religiosa no Tibete. O ex-presidente e secretário do partido, Jiang Zemin chegou a escrever um verso elogiando Arjia Rinpoche após a sua partida, encorajando-o a voltar. As autoridades chinesas continuaram a fazer esforços discretos para comunicar com o Karmapa no exílio após a sua chegada à Índia, a fim de o encorajar a regressar.
- ⁵¹ Artigo apresentado pelo vice-diretor, Liu Peng, em 2019.
- ⁵² Tradução do anúncio da Human Rights Watch, <https://www.hrw.org/news/2018/01/25/china-new-controls-tibetan-monastery>
- ⁵³ “China promove o seu funcionário mais sancionado a chefe do Partido Comunista Tibetano”, South China Morning Post, 19 outubro 2021, <https://www.scmp.com/news/china/politics/article/3152821/china-promotes-its-most-sanctioned-official-tibetan-party-chief>
- ⁵⁴ “Wang Junzheng, “Carniceiro de Xinjiang”, torna-se secretário do Partido do Tibete. Bitter Winter, 21 de outubro de 2022, Disponível em: <https://bitterwinter.org/wang-junzheng-butcher-of-xinjiang-becomes-party-secretary-of-tibet/>
- ⁵⁵ “China avisa monges tibetanos antes dos aniversários de março”, Radio Free Asia, 18 de fevereiro de 2022, <https://www.rfa.org/english/news/tibet/warns-02182022152247.html>
- ⁵⁶ «O ‘fruto venenoso’ da política religiosa do Tibete, enquanto a China publica a base de dados ‘Buda Vivo’», International Campaign for Tibet, 2 de maio de 2016, <https://savetibet.org/the-poisonous-fruit-of-tibets-religious-policy-as-china-publishes-living-buddha-database/>
- ⁵⁷ ‘Budas vivos tibetanos’ forçados a mostrar demonstrar lealdade ao Partido por ocasião do nascimento de Mao Zedong, International Campaign for Tibet, 8 de novembro de 2016, <https://savetibet.org/ict-inside-tibet-news-and-analysis-of-emerging-developments-in-tibet/#1>
- ⁵⁸ Segundo tibetanos no exílio com ligações na região.
- ⁵⁹ Human Rights Watch, 6 de abril de 2022, <https://www.hrw.org/news/2022/04/06/how-chinas-authorities-aim-control-tibetan-reincarnation>
- ⁶⁰ A imprensa estatal chinesa informa sobre uma sessão de treino para lamas reencarnados em 2016, na sequência das declarações de Xi Jinping num fórum religioso, em 14 de novembro de 2016, http://www.cnr.cn/xz/jrxz/20161114/t20161114_523265639.shtml
- ⁶¹ https://www.chinavitae.com/biography/Zhu_Weiqun
- ⁶² Relatório da imprensa estatal chinesa, 9 de maio de 2020, <http://www.qhtyzyx.com/system/2020/05/09/013157687.shtml>
- ⁶³ Meios de comunicação estatais chineses, China Tibet Net, 20 de setembro de 2020, <http://www.tibetology.ac.cn/zgzx/xsdt/detail/1319124>, Arquivado em: <https://archive.vn/6xk4N>
- ⁶⁴ Meios de comunicação estatais chineses, 2 de fevereiro de 2021, http://zf.xgll.gov.cn/html/2021/zf_zfjg_zs_szlsg_gzdt_0202/34422.html archived at: <https://archive.vn/yotja>
- ⁶⁵ “China National Daily”, 12 de janeiro de 2021, <http://www.mzb.com.cn/html/report/210130794-1.htm>
- ⁶⁶ Livro Branco Chinês, lançado em 21 de maio de 2021: http://www.xinhuanet.com/english/2021-05/21/c_139959978.htm
- ⁶⁷ Site do governo de Qinghai: <http://www.qh.gov.cn/zwgk/system/2021/06/10/010025515.shtml>
- ⁶⁸ <https://freetibet.org/freedom-for-tibet/culture-religion/yarchen-gar/>
- ⁶⁹ <http://www.gxscse.com/xinwenshuj/550603.html>
- ⁷⁰ Em 14 de abril de 2015, a China enviou uma delegação formada por cinco membros do Congresso Popular da Região Autônoma do Tibete aos EUA, liderada por Shangtsa Tenzin Chudrak, uma “reencarnação de Buda vivo” no budismo tibetano, e vice-diretor de Comitê Permanente do Congresso Popular do Tibete. Ele reiterou a posição do governo chinês em relação aos protestos de Lhasa em 2008 e ao Dalai Lama e, de acordo com a imprensa estatal chinesa, “apresentou o rápido desenvolvimento socioeconómico e a situação dos direitos humanos no Tibete nos 50 anos desde a sua ‘libertação’ aos políticos dos EUA, e também os líderes das comunidades tibetanas exiladas baseadas nos EUA saudaram a visita da delegação tibetana do Tibete.” http://www.tibetol.cn/html/2015/1_0414/17915.html
- ⁷¹ Relatório da International Campaign for Tibet, 2 de dezembro de 2009, <https://savetibet.org/determination-to-resist-repression-continues-in-combat-ready-chamdo-frontline-of-patriotic-education/>
- ⁷² Para um vídeo do mosteiro com legendas em inglês, veja o Kham Film Project em: <http://www.khamfilmproject.org/sershul-tib/>, citado pelo relatório da International Campaign for Tibet, 12 de julho de 2018, <https://savetibet.org/china-forces-young-tibetan-monks-out-of-monastery-into-government-run-schools-as-part-of-drive-to-replace-monastic-education-with-political-propaganda/>
- ⁷³ Global Times, 15 maio 2018, <http://www.globaltimes.cn/content/1102208.shtml>
- ⁷⁴ <https://www.nytimes.com/2012/04/08/world/asia/china-said-to-detain-returning-tibetan-pilgrims.html>
- ⁷⁵ Ver relatório da International Campaign for Tibet, «A Policy Alienating Tibetans: The denial of passports to Tibetans as China tight control» (Uma política que aliena os tibetanos: a recusa de passaportes aos tibetanos à medida que a China reforça o controlo), <https://savetibet.org/policy-alienating-tibetans-denial-passports-tibetans-china-intensifies-control/> e Human Rights Watch, «Um passaporte, dois sistemas», <https://www.hrw.org/report/2015/07/13/one-passport-two-systems/chinas-restrictions-foreign-travel-tibetans-and-others>
- ⁷⁶ Entrevista ao autor do relatório da International Campaign for Tibet, 9 de janeiro de 2017, <https://savetibet.org/tibetan-pilgrims-compelled-to-return-from-dalai-lama-teaching-in-bodh-gaya-india-china-calls-the-teaching-illegal/>

- ⁷⁷ Houve uma percepção de que “o budismo chinês tinha muito menos influência no mundo do que o budismo theravada e o budismo tibetano”, de acordo com o Dr. Juyan Zhang num artigo sobre a diplomacia da fé da China. Juyan Zhang (2013), *China's Faith Diplomacy*, in: Phillip Seib (ed.), *Religion and Public Diplomacy*, Nova Iorque, NY: Palgrave Macmillan, p. 75–98.
- ⁷⁸ O portal de notícias da República da Índia, Novo mapa mostra Arunachal como parte da China, 28 de junho de 2014.
- ⁷⁹ *India Today*, 31 de dezembro de 2021, <https://www.indiatoday.in/india/story/china-renames-15-places-arunachal-pradesh-india-rejects-invented-names-1894377-2021-12-31>
- ⁸⁰ Matthew Akester, apresentação para a Foundation for Non-Violent Alternatives, Delhi, 13 de setembro de 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=9ZX7eTqrTJs>
- ⁸¹ Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês citado pela CNN, 6 de abril de 2017, <https://edition.cnn.com/2017/04/05/asia/china-tibet-dalai-lama-border/index.html>
- ⁸² Outras queixas incluem: Em 2009, relativamente a uma visita do Dalai Lama; Em 2016, relativamente a uma visita a Tawang do então embaixador dos EUA na Índia, Richard Verma; foram também levantadas objeções à visita do 17º Karmapa Ogyen Trinley Dorje, em 2016, a pedido do povo budista Monpa do oeste do estado indiano.
- ⁸³ Tshering Chonzom Bhutia, 20 de abril de 2017, <https://thedi diplomat.com/2017/04/the-politics-of-reincarnation-india-china-and-tibet/>.
- ⁸⁴ O seu testamento foi intitulado “Palavra para Todos os Fiéis” (tibetano: dad ris kun la gnam) e publicado em Batsaihan, O. 2015. IX Bogd Javzandamba Hutagt: Amidral ba tsag hugatsaa (O IX Bogdo Jetsun Dhampa Khutukhtu: A Vida e os Tempos). Ulaanbaatar: Mönhiin üseg.
- ⁸⁵ Citado por http://thecessblog.com/2018/02/double-headed-mongolian-buddhism-by-lhagvademchig-j-shastri-visiting-researcher-university-of-shiga-prefecture/#_edn4 e outras fontes.
- ⁸⁶ Um link em DalaiLama.com sobre a cobertura da reunião com a imprensa parecia estar offline (<https://www.dalailama.com/news/post/1496-meeting-with-the-press-before-returning-to-japan> – e em tibetano <https://www.gyalwarinpoche.com/node/309>)
- ⁸⁷ “Porque a Rússia está a aproximar-se da Mongólia?”, *The Diplomat*, 23 de junho de 2020, <https://thedi diplomat.com/2020/06/why-is-russia-moving-closer-to-mongolia/>
- ⁸⁸ Ver também <http://blogs.ubc.ca/mongolia/2020/guest-post-dalai-lama-succession-mongolia-tibet-china-shugden/>
- ⁸⁹ Artigo na imprensa mongol de 26 de dezembro de 2016, <https://dnn.mn/%D1%86-%D0%BC%D3%A9%D0%BD%D1%85-%D0%BE%D1%80%D0%B3%D0%B8%D0%BB-%D1%81%D0%B0%D0%BB%D0%B1%D0%B0%D1%80-%D1%85%D1%8D%D0%BC%D0%BD%D1%8D%D0%BB%D1%82%D0%B8%D0%B9%D0%BD-%D0%B3%D0%BE%D1%80%D0%B8%D0%BC%D0%B4-%D1%88%D0%B8%D0%BB%D0%B6%D0%B8%D0%B6-%D0%B1%D0%B0%D0%B9%D0%BD%D0%B0/> citado por Jichang Lulu em ‘Outside the Urn’ (Fora da Urna).
- ⁹⁰ Ambos os links citados por Jichang Lulu para o seu artigo ‘Outside the Urn’, <https://theasiadialogue.com/2017/03/21/thinking-outside-the-urn-china-and-the-reincarnation-of-mongolias-highest-lama/>, estavam offline no momento da redação deste artigo.
- ⁹¹ «Mongolia: Living from loan to loan» (Mongólia: viver de empréstimo em empréstimo), *Financial Times*, 12 de setembro de 2016, <https://www.ft.com/content/4055d944-78cd-11e6-a0c6-39e2633162d5>
- ⁹² *Tibet Journal*, 7 de março de 2022, <https://www.tibetanjournal.com/?s=mongolia>
- ⁹³ Os protestos foram organizados e maioritariamente preenchidos por membros do Novo Movimento Religioso Budista Britânico (NMR), a “Nova Tradição Kadampa” (NTK), sob a organização de fachada “International Shugden Community (ISC)”. A Nova Tradição Kadampa, uma instituição registada de caridade, era agora o movimento neobudista de crescimento mais rápido no Ocidente, com mais de 200 centros e 900 classes em filiais espalhadas por todo o mundo. O grupo tem 48 centros no Reino Unido. Reconhecida pelo seu recrutamento agressivo e ênfase na rápida expansão, a NTK também é tida em consideração no conjunto dos mais controversos Novos Movimentos Religiosos (NMRs) e tem sido objeto de várias perguntas parlamentares no Reino Unido.
- ⁹⁴ Reuters, 16 de março de 2016, <https://www.reuters.com/article/us-china-dalai-lama-idUSKCN0WD203> e investigação, 21 de dezembro de 2015, <https://www.reuters.com/investigates/special-report/china-dalailama/>
- ⁹⁵ <http://www.savetibet.org/chinas-new-directive-on-controversial-shugden-spirit-in-tibet-in-bid-to-further-discredit-dalai-lama/#sthash.sP2fFXs.dpuf>
- ⁹⁶ Entrevista da Reuters a Lama Tseta após o seu depoimento em vídeo em 2015, 21 dezembro, 2015, <https://www.reuters.com/investigates/special-report/china-dalailama/>
- ⁹⁷ Num pequeno mosteiro em Chamdo, os 21 monges foram forçados a sair quando se recusaram a instalar uma estátua de Dorje Shugden. De acordo com fontes tibetanas, as autoridades nomearam outros oito monges e a estátua foi instalada. No ano passado, também em Chamdo, um jovem tibetano esfaqueou-se até à morte quando a polícia o tentou deter devido ao desmantelamento de uma estátua de Shugden, há seis anos, de acordo com uma reportagem da Radio Free Asia. Mais detalhes sobre as fontes no relatório da International Campaign for Tibet, <http://www.savetibet.org/chinas-new-directive-on-controversial-shugden-spirit-in-tibet-in-bid-to-further-discredit-dalai-lama/#sthash.sP2fFXs.dpuf> . Mais informações sobre Shugden estão disponíveis no site do Dalai Lama (www.dalailama.com), da Administração Central Tibetana (www.tibet.net) e Gabinetes do Tibete (www.dalailamaprotesters.info/).
- ⁹⁸ De acordo com a imprensa estatal chinesa, em março de 2017, a China comprometeu-se à realização de um investimento direto no valor de US\$ 8,2 bilhões para o país dos Himalaias, de um compromisso total de US\$ 13,52 bilhões por ocasião da Cimeira de Investimentos do Nepal. O mesmo artigo do *Global Times* observou que: “As promessas chinesas ofuscaram o compromisso da Índia de US\$ 317 milhões no mesmo evento.” *Global Times*, 14 de agosto de 2017, <http://www.globaltimes.cn/content/1061315.shtml> . Além disso, a China gastou milhares de milhões de dólares em projetos de infraestruturas nas zonas tibetanas fronteiriças com o Nepal. (Ver também: *Nikkei Asian Review*, 9 de março de 2019, <https://asia.nikkei.com/Spotlight/Belt-and-Road/Belt-and-Road-reaches-Nepal-s-wild-north-winning-China-influence>

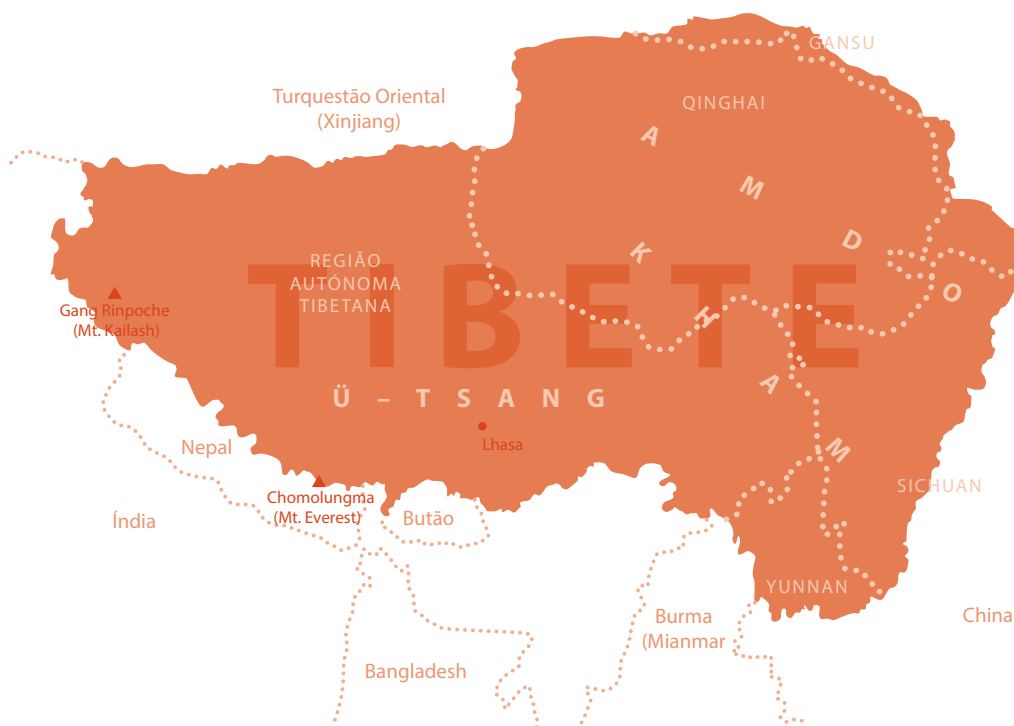
- ⁹⁹ Citado pela International Campaign for Tibet, 11 de novembro de 2019, <https://savetibet.org/concerns-rise-about-tibetans-status-in-nepal-as-chinese-leader-xi-jinping-prepares-to-visit/>. “Um plano para consolidar o poder: China exporta pensamento de Xi Jinping para Nepal, Kathmandu Post, 24 de setembro de 2019, <https://kathmandupost.com/national/2019/09/24/a-blueprint-for-consolidating-power-china-exports-xi-jinping-thought-to-nepal>
- ¹⁰⁰ “A China deve oferecer uma ajuda mais generosa ao Nepal face à disputa fronteiriça sino-indiana”, Global Times, 14 de agosto de 2017, <http://www.globaltimes.cn/content/1061315.shtml>
- ¹⁰¹ Ver a série de relatórios da International Campaign for Tibet sobre a evolução da situação no Nepal, «Travessias perigosas», <https://savetibet.org/tag/dangerous-crossing/>
- ¹⁰² Administração Central Tibetana “GdT Nepal assinala o 87.º aniversário de Sua Santidade o Dalai Lama apesar das restrições” 8 de julho de 2022: <https://tibet.net/oot-nepal-celebrates-the-87th-birthday-of-his-holiness-the-dalai-lama-despite-restrictions/>
- ¹⁰³ «Política tibetana e Lei de Apoio de 2019», <https://savetibet.org/wp-content/uploads/2020/01/BILLS-116-HR4331-E000179-Amdt-95.pdf>
- ¹⁰⁴ Lei de Política Tibetana: <https://www.congress.gov/bill/116th-congress/house-bill/4331/text?format=txt&r=3&s=1>
- ¹⁰⁵ Pontos de discussão da Lei de Política Tibetana da International Campaign for Tibet, <https://savetibet.org/advocacy/tibetan-policy-act/tibetan-policy-act-talking-points/>
- ¹⁰⁶ A garantia foi dada em 3 de abril de 2020 por Josep Borrell, chefe da diplomacia da UE e vice-presidente da Comissão Europeia. <https://savetibet.org/eu-opposes-chinese-interference-in-dalai-lama-succession/>
- ¹⁰⁷ Tibetan Review, 11 de abril de 2020, <https://www.tibetanreview.net/eu-reaffirms-opposition-to-chinas-interference-in-dalai-lama-reincarnation-issue/>
- ¹⁰⁸ https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/137585.pdf
- ¹⁰⁹ <https://www.lachambre.be/doc/CCRI/pdf/55/ic091.pdf>
- ¹¹⁰ <https://www.parlementairemonitor.nl/9353000/1/j9vvij5epmj1ey0/vl3rj06x72zt>
- ¹¹¹ <https://dserver.bundestag.de/btd/19/174/1917407.pdf>, p 25, citado pela International Campaign for Tibet, 13 de março de 2020 <https://savetibet.org/german-and-eu-leaders-back-tibet-access-religious-freedom/>
- ¹¹² “A Índia não pode deixar o futuro do budismo para a China ou para o acaso”, escreveu a comentadora Indrani Bagchi, fonte citada.
- ¹¹³ A comentadora de política externa Indrani Bagchi explicou: “Esta não é a primeira vez que Modi felicita o Dalai Lama. De facto, segundo as autoridades, Modi tem-no saudado todos os anos. Mas esta foi a primeira vez [em 2021] que a saudação de Modi foi tornada pública Ocorreu no contexto do pior impasse militar entre a Índia e a China, que já alterou os contornos de longo prazo das políticas externas e estratégicas da Índia.” Times of India, 12 de julho de 2021, <https://timesofindia.indiatimes.com/blogs/globespotting/india-should-declare-support-for-dalai-lamas-reincarnation-as-the-spiritual-leader-directs-it/> Amitabh Mathur comentou: “Uma das muitas medidas incrementais que podem ser tomadas, com o duplo propósito de servir de ponto de pressão sobre os chineses e para dissipar as apreensões entre os tibetanos, é o Governo da Índia elevar a visibilidade pública de Sua Santidade o Dalai Lama. Neste contexto, o tweet do primeiro-ministro Modi informando que tinha falado com o Dalai Lama e o cumprimentou por ocasião do seu aniversário é um passo bem-vindo. É um sinal público, não só para a China, mas também para a comunidade tibetana no exílio, de que a Índia continua firme no seu compromisso com a sua causa. No entanto, é necessário tomar algumas medidas mais consistentes.”
- ¹¹⁴ <https://secureservercdn.net/198.71.233.163/4vo.170.myftpupload.com/wp-content/uploads/2020/12/TPSA-bill-text-from-consolidated-spending-bill.pdf>
- ¹¹⁵ As figuras infra foram originalmente identificadas pelo historiador e tibetólogo Claude Arpi numa publicação no seu blog, em 24 de março de 2019, <https://claudearpi.blogspot.com/2019/03/the-lamas-who-will-select-chinese-15th.html>
- ¹¹⁶ Houve relatos de que oito monges haviam sido presos indicando tensões no mosteiro. A fonte é um relatório da Tibet Information Network agora offline na sequência do seu encerramento. Citado pela International Campaign for Tibet, “When the Sky Fell to Earth” (Quando o céu caiu na Terra),//sa <https://savetibet.org/wp-content/uploads/2013/01/2004ReligionReport.pdf>, nota 96.
- ¹¹⁷ Blog de Claude Arpi, 30 de janeiro de 2013 <https://claudearpi.blogspot.com/2013/01/reting-and-dalai-lamas-reincarnations.html>
- ¹¹⁸ Tibet Daily em chinês, 7 janeiro, 2022, http://www.tibet.cn/cn/culture/zx/202201/t20220107_7126858.html
- ¹¹⁹ Claude Arpi entrevistou-o para o blog, publicado em 29 de setembro de 2015: <https://claudearpi.blogspot.com/2015/09/amchok-rinpoche-karma-of-tibet.html>
- ¹²⁰ Ibid.
- ¹²¹ <https://claudearpi.blogspot.com/2019/03/the-lamas-who-will-select-chinese-15th.html>
- ¹²² Veja também este relatório da Associação Budista da China em 4 de setembro de 2016: <https://www.chinabuddhism.com.cn/xw/yw1/2016-09-04/11380.html>
- ¹²³ <https://freedomhouse.org/country/tibet/freedom-world/2022>

Acerca de

A Rede Internacional do Tibete é uma coligação global de organizações não governamentais relacionadas com o Tibete. O seu objetivo é maximizar a eficácia do movimento mundial pelo Tibete. A Rede trabalha para aumentar a capacidade das organizações membros individuais, desenvolve campanhas estratégicas coordenadas e incentiva uma maior cooperação entre organizações, fortalecendo assim o movimento do Tibete como um todo.

Os membros da Rede estão comprometidos com a não-violência como princípio fundamental da luta tibetana. Consideram o Tibete como um país ocupado e reconhecem o Governo Tibetano no Exílio como o único governo legítimo do povo tibetano. Para além destes princípios, a Rede Internacional do Tibete respeita a variedade de pontos de vista e opiniões das suas organizações membros, por exemplo, relativamente ao futuro estatuto político do Tibete, e acredita que a diversidade fortalece nosso movimento.

TibetNetwork.org



Nota Geográfica: 'Tibete' refere-se às três províncias tradicionais tibetanas de Amdo, Kham e U-Tsang. Na década de 1960, a China dividiu o Tibete em novas divisões administrativas: a Região Autônoma do Tibete (RAT) e as Prefeituras Autônomas do Tibete nas províncias de Qinghai, Gansu, Sichuan e Yunnan. Quando o governo chinês faz referência ao Tibete, está a referir-se à RAT.

Imagem da capa: Sua Santidade o Dalai Lama numa reunião pública de oração pelas vítimas das inundações em Leh, Ladakh. 13 de setembro de 2010. Tenzin Choejor / Gabinete de Sua Santidade o Dalai Lama.